



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**AFETIVIDADE E CONFLITO FAMILIAR: SUA RELAÇÃO COM PROBLEMAS  
DE COMPORTAMENTO EM PRÉ-ESCOLARES**

Lia Mara Inês Albertoni Rohenkohl

Dissertação de Mestrado

São Leopoldo, 2009

**AFETIVIDADE E CONFLITO FAMILIAR: SUA RELAÇÃO COM PROBLEMAS  
DE COMPORTAMENTO EM PRÉ-ESCOLARES**

Dissertação do Curso de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós Graduação em Psicologia, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Mestranda: Lia Mara Inês Albertoni Rohenkohl

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elisa Kern de Castro

São Leopoldo, 2009

Dedico este trabalho às minhas filhas Julia e Cecília e  
ao meu marido José Henrique pelo constante apoio,  
amor, compreensão e dedicação.

## Agradecimento

"Cada pessoa que passa em nossa vida, passa sozinha, é porque cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra. Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha, e não nos deixa só, porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova de que as pessoas não se encontram por acaso."

(Charles Chaplin)

Às minhas filhas, Júlia e Cecília, ao meu marido, José Henrique, por todo apoio, incentivo, paciência, dedicação, amor para que eu pudesse superar todos os obstáculos, para que eu pudesse realizar esse objetivo. Sem a compreensão de vocês, nada disso teria sido possível.

Agradeço às minhas alunas do Curso de Psicologia da URI – Campus de Erechim - Carolina Chies, Denise Bernardi, Katiussi Lampugnani, Lilian Scanegatta, Renata Tomazeli, Vanessa Algeri, aos meus ex-alunos e, com muito orgulho, aos atuais colegas Carla Kautz e Felipe Biasuz, que auxiliaram na coleta dos dados com muita dedicação e carinho em cuja contribuição foi de muita importância.

Não poderia deixar de agradecer às colegas Letícia Ribeiro e Vera Bruch, pelo apoio e momentos vividos juntos, nesse período, em especial à Vera, pela parceria de idas e vindas, nas dificuldades, na estrada, o companheirismo que contribuiu muito para que esse sonho se realizasse, deixando, é verdade saudades, mas fortalecendo nossa amizade.

Agradeço a todas as professoras, Direção e Pais da Escola, que, prontamente, se dispuseram a colaborar para a realização desse trabalho, com muita paciência e boa vontade, pelo que não tenho palavras que possam demonstrar o meu carinho e agradecimento a todos vocês.

À minha orientadora Elisa Kern de Castro, pessoa muito especial, agradeço pela dedicação, conhecimento, parceria, incentivo, carinho, disponibilidade constante, em todo o período em que convivemos juntas. Você, com certeza, tem aqui uma grande amiga e admiradora.

Enfim, a todos os que fizeram parte da minha vida durante esse processo, contribuindo para que essa conquista fosse possível, meu muito obrigada pelo apoio, compreensão e colaboração.

## Sumário

Resumo.....	09
Abstract.....	11
Apresentação.....	13
1.Relatório de Pesquisa.....	15
1.1. Introdução.....	15
1.2. Objetivos.....	20
1.3. Método.....	20
1.3.1. Delineamento.....	20
1.3.2. Participantes.....	20
1.3.3. Instrumentos.....	24
Ficha de matrícula.....	24
Familiograma.....	25
CBCL.....	26
TRF.....	26
1.3.4. Procedimentos de Pesquisa.....	27
1.3.5. Procedimentos Éticos.....	27
1.3.6. Procedimentos de Análise de Dados.....	28
1.4. Resultados.....	28
1.5. Discussão.....	40
2. Funcionamento de Famílias de Baixa Renda: Reflexões sobre famílias nucleares e recasadas.....	44
2.1 Introdução.....	47

2.2 Família: conceitos atuais, preconceito e tabus.....	48
2.3 Relacionamento mãe-pai-filho em famílias nucleares e recasadas.....	54
2.4 Famílias nucleares e recasadas de baixa renda.....	59
2.5 Considerações.....	64
3. Afetividade e conflito familiar: sua relação com problemas de comportamento em pré escolares.....	69
3.1 Introdução.....	72
3.2 Método.....	79
3.2.1 Delineamento.....	79
3.2.2 Participantes.....	79
3.2.3 Instrumentos.....	82
3.2.4 Procedimentos de Pesquisa e Éticos.....	85
3.2.5 Análise dos Dados.....	86
3.3 Resultados.....	86
3.4 Discussão.....	93
4. Referências.....	98
5. Apêndices.....	113
Apêndice A .....	113
Apêndice B .....	116
Apêndice C .....	119
Apêndice D .....	121
Apêndice E .....	123
Apêndice F.....	124

Apêndice G.....125



## Resumo

As famílias têm se modificado, adequando-se às mudanças ocorridas em nossa sociedade como a globalização, as novas tecnologias, a cultura, o ingresso da mulher no mercado de trabalho, a igualdade de direitos, a emancipação sexual, o divórcio, entre outras. Este relatório descreveu a pesquisa realizada com crianças da pré-escola de uma escola da Rede Municipal de Erechim e visou a examinar o nível de afetividade e conflito em diferentes configurações familiares de baixa-renda, com filhos em idade pré-escolar; avaliou os problemas de comportamento em crianças pré-escolares, a partir da visão de mães e professoras; analisou possíveis diferenças em afetividade e conflito familiar e problemas de comportamento infantil em diferentes configurações familiares; examinou diferenças na percepção de mães e professoras com relação aos problemas de comportamento dessas crianças. Foram realizados dois artigos: o primeiro, com o título Funcionamento de Famílias de baixa renda, discutiu sobre algumas questões teóricas das famílias nucleares e recasadas e trouxe uma revisão teórica sobre os relacionamentos que se estabelecem em famílias nucleares e recasadas, em especial, de classes populares. Discutiram-se os conceitos atuais de família, os relacionamentos entre pais e filhos, nas famílias recasadas e nucleares, enfatizando, por fim as famílias de baixa renda. Percebeu-se que as famílias de baixa renda têm particularidades na distinção entre o público e privado e na maneira como estabelecem as relações entre si, tendo a comunidade como fonte de apoio importante. O segundo artigo, Afetividade e Conflito Familiar e problemas de comportamento em pré-escolares, foi um estudo quantitativo transversal, com grupos de comparação, visando a examinar o nível de afetividade e conflito em famílias de baixa renda e sua relação com os problemas de comportamento em crianças pré-escolares, a partir da visão das mães e das professoras. Os dados revelaram a importância do grau de

afetividade e conflito entre os cônjuges e sua relação com os problemas de desenvolvimento infantil, independentemente da configuração familiar. O nível socioeconômico e o contexto têm implicações na formação dessas famílias, expressando-se na forma de educar os filhos exercendo papel fundamental no desenvolvimento de seus membros.

Palavras-chave: Família - Crianças pré-escolares - Afeto – Conflito – Problemas de Comportamento.

### Abstract

The families have transformed to match the changes in our society, such as: the globalization, the new technologies, the culture, the entering of the women in the labor market, the equality of rights, the sexual emancipation, the divorce, etc. This report describes a research that was done with preschool children from a Public School of Erechim, which is supported by the city government. Its first aim is to check the level of affection and conflict in different low-income households, which have preschool kids; the second one is to assess the behavior problems preschool children display, having as a basis the mother's and teacher's point of view on it; the third has to do with the analysis of possible differences in affection and family conflict, and the children's behavior problems in different families; the last one is to check if there are differences in the mother's and teacher's perceptions on the children's behavior problems. As a result of it, two articles were written. The first one is called "Low-income Family Structure". There are some theoretical questions about nuclear and remarried families in it, as well as a theoretical background on the relationships that are established in those families, especially in low-income. The current family concepts, the relationship between parents and kids in the remarried and nuclear families are discussed, highlighting the low-income families. It is realized that the low-income families have peculiarities in the distinction between the public and the private, as well as in the way they establish their relationships, since they have the community as an important support. The second one "Family Affection and conflict, and behavior problems in preschool children" is a transversal quantitative study done with the comparison groups, which aimed to examine the level of affection and conflict in low-income families, and their relationship with the preschool behavior

problems, based on the mother's and teacher's point of view on it. The data highlighted the importance of the degree of affection and conflict between the father and mother, and its relationship with the children's development problems, independently of the family structure. It was also realized that both the socioeconomic level and the context have implications for the families' structure, which interferes in the way they raise their children, playing a vital role in its members' development.

Key-words: Family; Preschool children; Affection; Conflict; Problem or Behavior

## Apresentação

A presente dissertação tratou do tema Afetividade e Conflito Familiar: sua relação com problemas de comportamento em pré-escolares. O trabalho desenvolvido fez parte da linha de Pesquisa da Infância e da Adolescência, sob orientação da Dr<sup>a</sup>. Prof<sup>a</sup>. Elisa Kern de Castro. Essa dissertação foi dividida em um relatório de pesquisa e dois artigos, conforme estabelece o Regimento interno deste Programa de Pós-Graduação.

Na primeira parte, figura o Relatório de Investigação, no qual consta uma descrição detalhada da pesquisa empírica realizada. Também foram apresentados e discutidos alguns dos resultados encontrados no estudo.

Na segunda seção, é apresentada uma revisão de literatura a respeito do Funcionamento de Famílias de baixa renda, com algumas reflexões sobre famílias nucleares e recasada. Foram exploradas as idéias e contribuições de vários autores sobre família e recasamento: conceitos atuais, preconceitos e tabus; famílias e filhos, em especial, baixa renda e o desenvolvimento infantil. Finalmente apresenta-se o artigo empírico que versa sobre os achados da pesquisa, explicitando suas contribuições relevantes e reflexões sobre as possíveis articulações que podem ser feitas acerca da temática estudada.

Este trabalho de pesquisa, portanto, focalizou relações familiares e o desenvolvimento infantil, interesse que surgiu a partir de questionamentos da vivência da autora nas escolas como psicóloga, há mais de 22 anos. Em sua prática, era comum ouvir, por parte do Corpo docente da Escola e Direção, proposições relacionando o fracasso escolar, ou problemas de disciplina e/ou comportamento à estrutura de suas famílias, como que se esta fosse a causadora de tais situações. E a escola, com base nessas colocações eximia-se do seu compromisso com a criança, como se nada mais fosse possível fazer para mudar tal contexto.

Tal situação causava uma inquietação na autora, posto que não concordava com esse raciocínio e buscava refletir a respeito, para que as pessoas envolvidas nesse processo, que é o de ensinar e aprender, assumissem uma responsabilidade ainda maior: a formação da criança, proporcionar-lhe muitas vezes o que a própria família, naquele momento, não é capaz de fazê-lo. Este é o papel social da Escola. O que pode ajudar ou prejudicar a criança, dependendo das concepções e práticas do professor. Afinal, toda criança, é por Lei, obrigada a frequentar escola até os 14 anos. Por isso, oferecer subsídios para conscientizar que seu papel vai além do ensinar a escrever e a ler: a escola é um espaço de desenvolvimento infantil. Para finalizar a dissertação, foram apresentadas as referências bibliográficas referentes a todas as sessões desse documento, e os apêndices pertinentes.

## 1. Relatório de Pesquisa

### *1.1. Introdução*

Família é um grupo de pessoas que vivem de forma hierarquizada, tendo ligação afetiva duradoura que inclui relação de cuidados entre adultos e, destes, para com as crianças e idosos que vivem nesse contexto (Szymanski, 2002). Para essa autora, o mundo familiar tem várias possibilidades de formas de organização, além de crenças e valores na busca de soluções para problemas. Não considerar esse aspecto é colocar tudo em uma única forma de se emocionar, interpretar e se comunicar, ignorando toda diversidade étnica e cultural que caracteriza o ser humano. O conceito único de família do século passado, identificado pelo casamento, assume outras estruturas relacionais e se apresenta sob novas expressões como: entidade familiar, união estável, família monoparental, reprodução assistida, gays e lésbicas, filiação socioafetiva, entre outras. Essas nomenclaturas jurídicas buscam adequar-se às mudanças sociais decorrentes da evolução da sociedade e redefinição do conceito de moralidade, dando à família um aspecto multifacetário.

Para diferentes autores (Carvalho, 2002; Romanelli, 2002; Venosa, 2003; Wagner, Pedrebon, Mosmann, & Verza, 2005), a família é o reflexo das mudanças de nossa sociedade, tais como aparecimento de novas tecnologias, globalização, migração da sociedade rural para a urbana, mudanças culturais, ingresso da mulher no mercado de trabalho fora de casa, igualdade de direitos, emancipação sexual, dentre outras, buscando, assim, uma nova identidade conceitual. Ao mesmo tempo em que a família sofre as interferências do meio é ela também um agente de mudanças sociais. Casamentos, separações, novos relacionamentos, recasamentos, casais homossexuais fazem parte desse novo contexto familiar que é mutável ao longo dos tempos, e ocupa lugares indicados por uma sociedade que dita padrões culturais, sociais, políticos e econômicos.

O funcionamento familiar é elemento importante na forma como conduz o processo de socialização da criança, transmitindo valores, regras, modelos que recebe da sociedade e que a orientará para que possa tornar-se sujeito de direitos e deveres (Kaloustian, 2002). É um espaço que garante a sobrevivência, o desenvolvimento e a proteção dos filhos, independentemente do arranjo familiar ou de que forma vem se estruturando. Proporciona suporte afetivo e material necessários para o bem-estar de todos os seus membros e desempenha papel fundamental na Educação Formal ou Informal em que são absorvidos valores éticos e humanitários, construindo marcos entre as gerações.

Existe uma dificuldade em se caracterizar historicamente as famílias por sofrerem, as mesmas, influências da cultura de cada região (Cervený, 1997; Neder, 2002). Para esses autores, a dificuldade em descrever a família brasileira fica por conta de sua diversidade de modelos, grandeza territorial, diferenças culturais e socioeconômicas, o que proporciona tipos diferentes de famílias que não se definem apenas pelo espaço geográfico em que estão inseridas, mas por muitas outras influências.

As mudanças ocorridas na família podem ser descritas sob duas formas, embora se inter-relacionem: mudanças ideológicas, relativas a um ideal democrático ou igualitário das relações; e estruturais, relacionadas com as variedades de arranjos das famílias (Carvalho & Almeida, 2003; Souza & Ramires, 2006). Carvalho e Almeida (2003) destacam fenômenos como o aumento de domicílios formados por “não-famílias”, idosos e jovens, demonstrando um novo individualismo; diminuição do número de filhos; crescimento do divórcio e separações; casais sem filhos; novos arranjos familiares, sobretudo de famílias monoparentais, chefiadas por mulheres sem cônjuge, que mostram as modificações nas estruturas da família tradicional. Cada família possui um modo particular de lidar com suas emoções e situações, um código e formas diferentes de se comunicar, regras, jogos e ritos.



Mesmo sofrendo transformações, a família parece não ter sofrido alterações no que diz respeito à sua responsabilidade e função social e educar seus filhos.

Wagner et al. (2005) presumem que educar os filhos sempre foi uma tarefa difícil para os pais, embora não seja compartilhada, de igual forma entre o casal. Normalmente as mães tendem a envolver-se mais do que os pais nas tarefas relacionadas à criança e, na maioria das vezes, estão à frente do planejamento educacional de seus filhos, principalmente se coabitam com os mesmos. A criança tem deixado de ser educada exclusivamente pela família, nas quais os adultos são as figuras mais constantes e representativas, para serem educadas e cuidadas em escolas onde os parceiros mais comuns de interação são outras crianças (Santos, 2002).

As famílias apresentam similaridades e diferenças quanto aos modos de vida, dependendo de sua nível social, em relação ao desenvolvimento dos filhos, às relações parentais e conjugais (Braz, Dessen, & Silva, 2005). É o que afirma o estudo realizado pelas autoras, com o objetivo de descrever aspectos da qualidade das relações parentais e conjugais de 14 famílias (de nível média e baixa), composta por pai, mãe e criança na faixa de quatro a cinco anos. Entendem que essas diferenças decorrem de valores distintos de visões de mundo vinculados ao contexto social, econômico, histórico e cultural, nos quais as famílias estão inseridas. Relatam, ainda, as autoras que a maioria dos cônjuges de sua pesquisa acredita que o seu relacionamento influencia as relações genitores-crianças de várias formas, como também os filhos interferem em suas relações conjugais. Salientam a influência e as consequências para o desenvolvimento infantil e a interdependência entre os membros familiares em seus diferentes papéis (esposa e mãe, marido e pai) e também entre os subsistemas familiares, conjugal e parental.

Para Mondin (2005), os pais precisam, além da sobrevivência, enfatizar a importância dos laços afetivos como base segura para a vida da família. A autora observou um número crescente de famílias com problemas para educar suas crianças, como dificuldades de estabelecer limites ao comportamento infantil, enfrentar rebeldia e desobediência. Características interpessoais das crianças, empatia e comportamentos pró-sociais estão relacionados ao repertório social e educativo dos pais (Serpa, Del Prette, & Del Prette, 2006). Pais que atribuem tarefas adequadas à idade e relacionadas com um suporte adequado, facilitam o desenvolvimento da autoconfiança, maturidade, responsabilidade e independência.

Educar os filhos torna-se uma tarefa árdua para os pais, entre as possíveis causas de problemas emocionais e de comportamento, em crianças pré-escolares, estão fatores familiares, separações, doenças psiquiátricas em um dos cônjuges, tamanho e agressões dentro da família, dificuldade dos pais em estabelecer limites, acontecimentos importantes na vida da criança, negligência, comunicação, sintonia entre pais e filhos (Keow & Woodward, 2002). Crianças que manifestam comportamentos externalizantes na infância (por exemplo: agressões, oposição, problemas de conduta) podem desenvolver comportamentos negativos em longo prazo, como comportamento antisocial. Devem-se levar em conta as características da criança e o contexto social (Silver, Measelle, Armstrong, & Essex, 2004). As separações matrimoniais são fatores que contribuem para a externalização de comportamentos da criança, inclusive a interação social com seus colegas (Ackerman, D'Eramo, Umylny, Schultz, & Izard., 2001).

Essas mudanças de comportamentos, advindas do desenvolvimento, são importantes por permitirem, à criança, a aprendizagem de novas habilidades, e são manifestadas através de comportamentos desejados ou indesejados, internalizantes ou externalizantes

(Achenbach, 1991; Bolsoni-Silva, Marturano, & Manfrinato, 2005). Como comportamentos indesejados internalizantes, evidenciam-se o retraimento e ansiedade, preocupação exagerada, tristeza, insegurança, timidez, medos, manifestações psicossomáticas, recusa escolar. Os comportamentos externalizantes são marcados por impulsividade, explosividade, agressividade, agitação, características desafiantes e anti-sociais como mentiras, furtos, faltar-aula, desrespeito a limites, brigas, impulsividade e hostilidade nos relacionamentos. São comportamentos que dificultam a sua interação com o ambiente, gerando conflitos, frequentemente ocasionando rompimento nas interações. Na Pré-escola, comportamentos externalizantes, como a agressividade, são frequentes e estão presentes no repertório de crianças saudáveis. Porém, o que difere uma criança saudável de uma criança perturbada, são a frequência e a intensidade dessas atitudes. Geralmente, no contexto escolar, o comportamento externalizante é mais facilmente identificado, provavelmente por ter maior visibilidade e interferir na dinâmica da sala de aula. Dessa forma, a escola passa a ser um espaço importante de prevenção, tendo, o professor, o papel fundamental de identificar os alunos com dificuldades e, assim, possibilitar-lhes o desenvolvimento de habilidades sociais, facilitando a interação com os colegas e adultos, possibilitando uma maior e melhor convivência, o que é indispensável para a adolescência e à vida adulta.

É comum encontrar, em crianças, fatores familiares associados a vários transtornos (Ferriolli, Marturano, & Puntel, 2007). Para problemas como transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e de conduta, são considerados fatores de risco: discórdia e problemas conjugais, desvantagem socioeconômica, famílias com muitos filhos, criminalidade paterna, história psiquiátrica da mãe ou de algum parente, ruptura da família, estresse familiar e práticas disciplinares intrusivas e severas. Os autores ainda consideram,

como fatores de proteção, famílias com até quatro filhos, pais que apoiam e estabelecem limites e regras adequadamente. Entendem que a identificação precoce de escolares, em situação de risco para transtornos psicossociais, é muito importante para o atendimento à saúde mental das crianças. Para os autores, a participação dos professores é fundamental, pois podem acrescentar informações esclarecedoras, dados sobre o comportamento das crianças na Escola, que podem revelar sintomas subestimados na avaliação dos adultos que residem com as mesmas, principalmente os comportamentos internalizados.

### *1.2. Objetivos*

- Examinar o nível de afetividade e conflito em famílias de renda baixa e sua relação com os problemas de comportamento em crianças pré-escolares, a partir da visão das mães e das professoras;
- Avaliar possíveis diferenças na percepção de mães e de professoras em relação aos problemas de comportamento das crianças pré-escolares;
- Identificar possíveis discrepâncias nessa percepção conforme o sexo da criança.

### *1.3 Método*

#### *1.3.1 Delineamento:*

Este é um estudo quantitativo transversal e com grupos de comparação.

#### *1.3.2 Participantes:*

Participaram dessa pesquisa 59 mães, com filhos em idade pré-escolar (dois a cinco anos de idade), residentes na cidade de Erechim (RS), de nível socioeconômico baixo, e que frequentavam uma escola municipal da periferia da mesma cidade. Além disso, as

professoras dessas crianças (dez) também participaram do estudo. A amostra foi escolhida por conveniência, e todos os participantes convidados aceitaram participar da pesquisa.

A Tabela I mostra a partir das fichas de matrícula as principais características dessas famílias:

TABELA 1 - Dados Sociodemográficos da amostra

<b>Dados Sociodemográficos</b>	<b>n (%)</b>
<b>Escolaridade do pai</b>	
Fundamental incompleto	44 (73,7%)
Fundamental completo	3 (4,9%)
Ensino médio incompleto	1 (1,6%)
Ensino médio completo	8 (14,8%)
Ensino superior incompleto	-
Ensino superior completo	-
Não consta	3 (4,9%)
<b>Escolaridade da mãe</b>	
Fundamental incompleto	44 (74,6%)
Fundamental completo	2 (3,3%)
Ensino médio incompleto	1 (1,6%)
Ensino médio completo	10(16,9%)
Ensino superior incompleto	1 (1,6%)
Ensino superior completo	1 (1,6%)
<b>Estado civil do pai</b>	
Casado	14 (23,5%)

Separado	4 (6,8%)
Vivem juntos	25 (41,8%)
Não consta	16 (27,9%)
<hr/>	
Estado civil da mãe	
Casada	13 (23%)
Separada	6 (9,8%)
Vivem juntos	33 (55,7%)
Não consta	7 (11,5%)
<hr/>	
Profissão do pai	
Trabalho informal	32 (54,9%)
Funcionário público	2 (3,3%)
Funcionário da iniciativa privada	23 (39,5%)
Aposentado	1 (1,6%)
Não consta	1 (1,6%)
<hr/>	
Profissão da mãe	
Do lar	22 (37,3%)
Funcionário público	1 (1,6%)
Funcionário da iniciativa privada	25 (41,4%)
Aposentado	1 (1,6%)
Trabalho informal	10 (16,9%)
<hr/>	
Com quem vivem	
Com pai e mãe	31 (52,5%)
Só com a mãe	2 (3,3%)
<hr/>	

Com mãe e padrasto	14 (24,6%)
Com mãe e avôs	4 (6,6%)
Pai e madrasta	1 (1,6%)
Não consta	7 (11,5%)
<hr/>	
Sexo das crianças	
Masculino	29 (49,2%)
Feminino	30 (50,8%)
<hr/>	
	<b>Média (DP)</b>
Idade das crianças (anos)	4,15 (1,06)
Idade da mãe (anos)	31,05 (6,85)
Número de filhos	1,97 (1,17)
Habitantes por moradia	4,27 (1,57)

Do total de mães 74,6% possui o fundamental incompleto, 3,3% o fundamental completo. . Em relação a profissão 37,3% são donas de casa, 42,4% são funcionárias da iniciativa privada exercendo atividades como higienistas, cozinheiras, domésticas, serviços gerais dentre outros; 18,5% executam trabalhos informais como coletoras de lixo, “carrinheiras”, camelôs, faxineiras. No caso dos pais 76,8% possuem o fundamental incompleto, 4,9% o fundamental completo e 14,8% o ensino médio completo. A profissão exercida por eles 54,9% trabalho informal (catador de erva mate, pintor, encanador, catador de lixo, dentre outras, camelô), 37,7% na iniciativa privada como mecânico, vigilante, padeiro, construção civil, gari, chapeador). Cabe destacar o alto índice de união estável (casada + os que se denominam vivem juntos = 78,7%) destes 52,5% formadas por famílias

nucleares, 25,2% reconstituída e 9,9% uniparentais. Por outro lado, chama a atenção o baixo número de filhos (1,97), o que contradiz a literatura referente às famílias de baixa renda. A média de idade das mães no período da coleta era de 31,05 anos, sendo a mais nova com 20 anos e a mais velha com 48 anos. O número de habitantes por domicílio era em média 4,27, o que demonstra convivência com a família extensa (avós, tios).

### *1.3.3 Instrumentos*

Fichas de matrícula da Escola: Para avaliar as informações relativas aos dados biossociodemográficos das famílias, foram utilizadas as fichas de matrícula da Escola. Esse documento continha dados referentes ao tipo de família, número de filhos, condições socioeconômicas e especificidades do desenvolvimento do aluno (condições de saúde, desenvolvimento, relacionamento) (consulte o Apêndice A). Para avaliar o nível sócio-econômico, utilizou-se as escalas de Hollingshead (1975) e usada no Brasil nos estudos realizados por Ribas, Seidl de Moura, Gomes, Soares & Bornstein, 2003; Prado, 2005. O *Hollingshead Four Factor Index of Status Socioeconomic* (HI, Índice Quadrifatorial de Status Socioeconômico, Hollingshead, 1975) calcula, para cada indivíduo, seu nível sócio-econômico a partir do nível educacional multiplicado por 3 com o nível de prestígio multiplicado por 5. Por nível educacional considera-se o número de anos de escolarização formal, codificado em uma escala de 7 níveis (1, primeiro grau incompleto; a 7, pós-graduação). O prestígio ocupacional é baseado em uma lista de aproximadamente 450 atividades profissionais do Brasil e tabulada em uma escala de 9 níveis. Empregos não qualificados como empregadas domésticas, por exemplo recebem a menor pontuação 1, profissionais liberais e executivos a pontuação na escala é 9. O escore gerado pode variar entre 8 a 66. Para famílias nucleares, com apenas um cônjuge empregado, o HI é calculado



com base nele. No caso de ambos exercerem atividade remunerada o status da família é dado pela média entre os escores de cada um.

Familiograma (consulte o Apêndice B): Teodoro (2006) visou a investigar o relacionamento entre as díades (filho, pai e mãe) através de adjetivos que representam duas dimensões do sistema familiar: a afetividade e o conflito. A afetividade define-se por uma série de emoções positivas existentes no relacionamento interpessoal como: amável, afetivo, amoroso, carinhoso, alegre, feliz, atencioso, animado, agradável. O conflito é caracterizado por emoções negativas que podem ser fonte geradora de estresse e agressividade dentro das famílias como distante, nervoso, agressivo, estressante e tenso. O instrumento demonstrou ter boa consistência interna (alpha de Cronbach, variando de 0,87 a 0,97), e vem sendo utilizado em famílias com características distintas. Esta lista consta de 14 adjetivos. O Familiograma pode ser utilizado nas diversas configurações familiares, como também em relacionamentos em famílias clínicas e não clínicas. Nesse estudo, o instrumento foi aplicado às díades mãe-filho e mãe-pai, e obtiveram-se índices alpha de 0,95, para afetividade, e 0,87 para o fator conflito, para a díade mãe-filho e, para a díade mãe-pai, 0,97 para o fator afetividade, e 0,91 para o fator conflito.

Tabela 1: Classificação de Tipos de Família de acordo com os Construtos Afetividade e Conflito do Familiograma.

Tipo I Alta afetividade Baixo conflito	Tipo II Alta afetividade Alto conflito
Tipo III Baixa afetividade	Tipo IV Baixa afetividade

Baixo conflito	Alto conflito
----------------	---------------

CBCL – 1,1/2 – 5 anos – e TRF professores: Foram utilizadas duas versões de *checklists* de problemas comportamentais de Achenbach (1991) voltadas para pais e professores, na versão brasileira realizada por Bordin, Mari e Caiero (1995). Os resultados foram muito semelhantes aos norte-americanos. O *Child Behavior Checklist* (CBCL) (consulte o Apêndice C) foi instrumento preenchido pelos pais, enquanto o *Teacher's Report Form* (TRF) pelos professores (consulte o Apêndice D). Esses instrumentos foram desenvolvidos com uma lista de 100 afirmações sobre o comportamento da criança, distribuídas em duas colunas e seguidas por uma escala preenchida pelo entrevistado. A escala corresponde à quantidade de vezes que cada afirmação do questionário se aplica à criança que está sendo analisada. Os valores da escala são 0 (nunca), 1 (as vezes) e 2 (sempre). Estas listas de afirmações foram agrupadas em oito síndromes através de uma análise fatorial (Achenbach, 1991): Isolamento social; queixas somáticas; ansiedade-depressão; problemas sociais; problemas do pensamento; problema de atenção; comportamento agressivo; problemas de sono e outros problemas. Tais síndromes receberam uma análise fatorial de segunda ordem, que resultou em agrupamentos que foram designados de Distúrbio Internalizante (DI), comportamentos considerados problemáticos, mas que não interferem no ambiente, restringindo ao âmbito privado da criança. Distúrbio Externalizante (DE): refere-se a comportamentos problemáticos que exercem interferência diretamente no ambiente. De acordo com a validação brasileira (Bordin et al. 1995) crianças cujos escores nos CBCL, preenchidos pelos pais foram iguais ou acima de 60, em soma-escalas, forma consideradas como pertencentes à faixa clínica.

#### *1.3.4 Procedimentos de Pesquisa*

Inicialmente, buscou-se, junto à Secretaria Municipal de Educação, da cidade de Erechim (RS), a autorização para o acesso às escolas, para fazer a coleta de dados. A Escola já havia sido contatada anteriormente em função do levantamento feito por Rohenkohl (2007), sobre as condições socioeconômicas e familiares dos participantes. Para o presente estudo, a pesquisadora entrou em contato com uma escola municipal a fim de apresentar o Projeto e verificar o interesse da Instituição em colaborar. A coleta de dados com as mães ocorreu nas dependências da Escola, em duas ocasiões: a primeira, em julho, e a segunda em agosto de 2008, após a entrega dos pareceres das crianças às mães, ocasião em que foram convidados a participarem da pesquisa. As mães que optaram em participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responderam ao instrumento com o auxílio na leitura das afirmativas. Nesse mesmo mês, foram aplicados os instrumentos às professoras das crianças, dos quais as mães haviam participado. Como no primeiro encontro muitas mães não compareceram para retirar o parecer de seu filho, por estar chovendo muito, no dia, a Escola convidou-os em outro momento para que o fizessem, quando a pesquisadora realizou a segunda coleta de dados.

#### *1.3.5 Procedimentos Éticos:*

O trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS (consulte o Apêndice E), de acordo com a Resolução nº. 016/2000, que dispõe sobre a pesquisa em Psicologia, com seres humanos. Os participantes receberam explicações sobre todos os procedimentos da pesquisa, assim como a respeito da manutenção sigilosa da sua identidade. Também foram informados de que não haveria riscos ou danos para os mesmos. Ao aceitarem participar do estudo, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (consulte os Apêndice F e G).

### 1.3.6 Procedimentos de Análise de Dados

Após a coleta de dados, as informações foram organizadas em um banco de dados, constituindo-se, assim, as variáveis da investigação. As análises estatísticas dados dos foram levantados e tabulados na base de dados do programa SPSS 17.0.

Inicialmente se realizou uma análise descritiva (médias, DP, porcentagens) dos resultados em geral. Para a estatística inferencial, previamente se comprovaram os critérios de supostos paramétricos (tipo de variável, tamanho da amostra, normalidade) para a seleção das estatísticas apropriadas. Para analisar as associações entre variáveis, realizaram-se correlações Pearson entre as variáveis, comparação de médias, T de Student pareado e independente.

### 1.4 Resultados

Inicialmente, realizaram-se análises descritivas dos resultados do CBCL, do TRF e do Familiograma. A Tabela 2 apresenta as médias, medianas, quartis e valores mínimo e máximo dos resultados desses instrumentos.

TABELA 2 - Resultados Descritivos do Familiograma (FG) (n=58), do *Child Behavior Checklist (CBCL)* (n=59) e *Teacher's Reports Form (TRF)* (n=59)

Instrumento	Fator	Média(DP)	Mediana	1° Quartil	3° Quartil	Min/Max
CBCL	CBCL total	49.92 (18.24)	48.00	38.00	48.00	16-92
	CBCL internalizante	15.20 (7.78)	14.00	9.00	14.00	2-32
	CBCL externalizante	17.93 (7.55)	17.00	13.00	17.00	2-37
TRF	TRF total	43.23 (25.34)	41.00	24.00	56.00	0-106

	TRF internalizante	13.49 (9.85)	12.00	5.50	18.50	0-42
	TRF externalizante	15.52 (12.78)	13.00	4.50	25.00	0-41
FG Afetividade	Mãe-Pai	47.36 (5.28)	46.00	44.00	52.50	33 – 55
	Mãe-Filho	41.25 (9.37)	43.50	37.00	47.00	18 – 55
FG Conflito	Mãe-Pai	20.87 (8.57)	19.00	13.25	26.00	11 – 41
	Mãe-Filho	16.92 (6.71)	15.00	12.00	18.00	11 – 43

A Tabela 3 mostra as porcentagens relativas aos níveis normais, limítrofes e clínicos do CBCL e do TRF, e os níveis de conflito e afetividade nas famílias, de acordo com o Familiograma. No CBCL e no TRF, o ponto de corte para que uma criança fosse considerada limítrofe, diz respeito ao percentil 75 e, para o grupo clínico, foi utilizado o percentil 90. Esse critério foi o mesmo usado no estudo de Melo e Silveiras (2003). Para o Familiograma, os pontos de corte para alta e baixa afetividades e conflito, usou-se a mediana, conforme o estudo de Baptista, Teodoro, Cunha, Santana e Carneiro (2009). Pode-se observar, nessa tabela, que as mães percebem mais os problemas de comportamento dos filhos que as professoras nas variáveis CBCL e TRF total ( $t=2,045$ ;  $p<0,05$ ); queixas somáticas ( $t=3,132$ ;  $p<0,01$ ); ansiedade e depressão ( $t=4,202$ ;  $p<0,001$ ). A relação entre mãe e pai apresenta maior conflito que a relação mãe e filho ( $t=3,582$ ;  $p<0,001$ ).

TABELA 3 – Porcentagens do Familiograma, CBCL e TRF

		%	
<b>Familiograma</b>	Díade mãe-pai	Alta afetividade mãe-pai	26,2
		Baixa afetividade mãe-pai	72,1
		Alto conflito mãe-pai	45,9
		Baixo conflito mãe-pai	52,5
	Díade mãe-filho	Alta afetividade mãe-filho	83,6
		Baixa afetividade mãe-filho	16,4
		Alto conflito mãe-filho	44,3
		Baixo conflito mãe-filho	55,7
<b>CBCL</b>	CBCL total	Normal	73,8
		Limítrofe	14,8
		Clínico	11,5
	CBCL internalizante	Normal	72,1
		Limítrofe	16,4
		Clínico	11,5
	CBCL externalizante	Normal	73,8
		Limítrofe	14,8
		Clínico	11,5
<b>TRF</b>	TRF total	Normal	73,8
		Limítrofe	14,8
		Clínico	11,5

	Normal	75,4
TRF internalizante	Limítrofe	14,8
	Clínico	9,8
TRF externalizante	Normal	73,8
	Limítrofe	14,8
	Clínico	11,5

Observa-se que os resultados apontam um percentual elevado (72,1%) de baixa afetividade e de alto conflito (45,9%) na díade mãe e pai. O CBCL assim como o TRF total apontam que a maior parte das crianças se encontram nos padrões considerados normais, mas chama a atenção o alto índice de casos limítrofes (14,8%) e clínicos (11,5%).

Ao se avaliarem os tipos de família encontrados, a partir do Familiograma, observou-se que a mais da metade das famílias são do tipo I, com alta afetividade e baixo conflito (52,5%); 31,1% das famílias são do tipo II, apresentando alta afetividade e alto conflito; 3,3% são do tipo III, demonstrando baixa afetividade e baixo conflito, e 13,1% são do tipo IV, com baixa afetividade e alto conflito. As famílias podem ser classificadas: tipo I, tipo II, tipo III e tipo IV. O primeiro tipo decidiu-se chamar de afetivas; as do segundo, intensas; as do terceiro, inconsistentes e as do quarto, conflitivas.

A seguir, utilizou-se o teste t pareado, para verificar possíveis diferenças nas percepções de mães e professoras com respeito aos comportamentos infantis, medidos pelo CBCL, e, para medir possíveis discrepâncias entre as díades mãe-filho e mãe-pai e ou companheiro, na afetividade e conflito familiar, medidos através do Familiograma. Observa-se na Tabela 4 que as mães perceberam as crianças como mais problemáticas do

que as professoras na escala de problemas total ( $t=2,045$ ,  $p<0,05$ ) e nas subescalas queixas somáticas ( $t= 3,132$ ,  $p<0,001$ ) e ansiedade e depressão ( $t= 4,202$ ,  $p<0,001$ ). Em relação ao Familiograma, os resultados mostraram que a díade pai-mãe demonstrou maior conflito ( $t= 3,562$ ,  $p< 0,001$ ) que a díade mãe-filho, e a díade mãe-filho demonstrou maiores níveis de afetividade de maneira significativa ( $t= - 5,075$ ,  $p< 0,000$ )

TABELA 4 - Teste T pareado para avaliar CBCL mãe (n= 59) X TRF professora (n=59) e familiograma (n=58)

	<b>Média (DP)</b>	<b>Teste t pareado</b>	<b>p&lt;</b>
<b>CBCL/TRF total</b>			
<b>Mãe</b>	49,92 (18,23)	2,045	0,05
<b>Professora</b>	43,23 (25,34)		
<b>CBCL/TRF internalizante</b>			
<b>Mãe</b>	15,20 (7,77)	1,219	n.s.
<b>Professora</b>	13,49 (9,84)		
<b>CBCL/TRF externalizante</b>			
<b>Mãe</b>	17,93 (7,55)	1,406	n.s.
<b>Professora</b>	15,52 (12,78)		
<b>Isolamento social</b>			
<b>Mãe</b>	2,49 (2,33)	-1,796	n.s.
<b>Professora</b>	3,36 (3,33)		
<b>Queixas somáticas</b>			
<b>Mãe</b>	2,57 (1,94)	3,132	0,01
<b>Professora</b>	1,51 (1,83)		



<b>Ansiedade e depressão</b>			
<b>Mãe</b>	6,31 (3,07)	4,202	0,001
<b>Professora</b>	4,38 (3,45)		
<b>Reações emocionais</b>			
<b>Mãe</b>	3,82 (2,99)	-,782	n.s.
<b>Professora</b>	4,25 (3,39)		
<b>Problemas de sono</b>			
<b>Mãe</b>	3,30 (2,32)	,161	n.s.
<b>Professora</b>	3,21 (3,20)		
<b>Comportamento agressivo</b>			
<b>Mãe</b>	14,64 (6,76)	1,645	n.s.
<b>Professora</b>	12,31 (10,17)		
<b>Outros problemas</b>			
<b>Mãe</b>	13,34 (5,73)	2,663	n.s.
<b>Professora</b>	10,77 (8,06)		
<b>Conflito</b>			
<b>Mãe-pai</b>	20,87 (8,57)	3,582	0,001
<b>Mãe-filho(a)</b>	16,92 (6,77)		
<b>Afetividade</b>			
<b>Mãe-pai</b>	41,25 (9,36)	-5,075	0,001
<b>Mãe-filho</b>	47,35 (5,32)		

A fim de avaliar os resultados do CBCL e do TRF, em relação ao conflito e afetividade das díades mãe e pai e mãe e filho (amostra separada pela mediana), observou-se que, nas famílias com alto conflito mãe-pai, as crianças apresentaram mais problemas emocionais/comportamentais total ( $t = -4,202$ ,  $p < 0,001$ ) que as famílias com baixo conflito (resultados apresentados na tabela 5). Da mesma forma, nas famílias com alto conflito mãe-pai e baixa afetividade mãe-filho, as crianças tiveram maiores escores em problema de internalização ( $t = -3,761$ ,  $p < 0,001$ ;  $t = 2,056$ ,  $p < 0,05$ , respectivamente). Por outro lado, nas famílias com conflito mãe-pai alto e conflito mãe-filho alto, as crianças manifestaram mais problemas externalizantes ( $t = -3,014$ ,  $p < 0,01$ ;  $t = -2,097$ ,  $p < 0,05$ ).

TABELA 5 - Média e Desvio-Padrão dos Escores do CBCL de acordo com o afeto e conflito e Familiograma

<b>CBCL total</b>			
	Média (DP)	Teste t	p<
<b>Conflito mãe-pai</b>			
<b>Baixo</b>	42,25 (15,51)	-4,202	0,001
<b>Alto</b>	59,61 (16,47)		
<b>Conflito mãe-filho</b>			
<b>Baixo</b>	46,15 (18,68)	- 1,848	n.s.
<b>Alto</b>	54,67 (16,81)		
<b>Afetividade mãe-pai</b>			
<b>Baixo</b>	52,34 (17,74)	1,427	n.s.
<b>Alto</b>	44,88 (18,39)		

<b>Afetividade mãe-filho</b>			
<b>Baixo</b>	57,40 (15,80)	1,431	n.s.
<b>Alto</b>	48,45 (18,46)		
<b>CBCL internalizante</b>			
	Média (DP)	Teste t	P
<b>Conflito mãe-pai</b>			
<b>Baixo</b>	12,22 (7,53)	-3,761	0,001
<b>Alto</b>	19,00 (6,24)		
<b>Conflito mãe-filho</b>			
<b>Baixo</b>	14,34 (8,28)	-0,984	n.s
<b>Alto</b>	16,30 (7,09)		
<b>Afetividade mãe-pai</b>			
<b>Baixo</b>	15,86 (7,07)	0,798	n.s
<b>Alto</b>	14,06 (9,36)		
<b>Afetividade mãe-filho</b>			
<b>Baixo</b>	19,70 (5,98)	2,056	0,05
<b>Alto</b>	14,31 (7,82)		
<b>CBCL externalizante</b>			
	Média (DP)	Teste t	P
<b>Conflito mãe-pai</b>			
<b>Baixo</b>	15,41 (6,56)	-3,014	0,01
<b>Alto</b>	20,96 (7,72)		
<b>Conflito mãe-filho</b>			

<b>Baixo</b>	16,18 (7,25)	-2,097	0,05
<b>Alto</b>	29,15 (7,46)		
<b>Afetividade mãe-pai</b>			
<b>Baixo</b>	19,00 (7,78)	1,718	n.s
<b>Alto</b>	15,25 (6,49)		
<b>Afetividade mãe-filho</b>			
<b>Baixo</b>	19,20 (5,63)	0,576	n.s
<b>Alto</b>	17,69 (7,89)		

Com o intuito de examinar a existência de possíveis diferenças de sexo em afetividade e conflito e em problemas de comportamento entre as díades mãe-filha e mãe-filho, através do teste T independente, os resultados mostraram que as meninas são descritas como tendo maior índice de queixas somáticas ( $t = -2,744$ ;  $p < 0,01$ ).

TABELA 6 - Teste T independente relação entre sexo e afetividade e conflito e problemas de comportamento.

	<b>Média (DP)</b>	<b>t</b>	<b>p&lt;</b>
<b>Conflito mãe-pai conflito</b>			
<b>Menino</b>	19,34 (8,16)	-1,052	n.s
<b>Menina</b>	22,07 (8,97)		
<b>Afetividade mãe-pai</b>			
<b>Menino</b>	42,90 (8,70)	1,423	n.s
<b>Menina</b>	39,48 (9,87)		
<b>Conflito mãe –filho</b>		0,628	n.s

<b>Menino</b>	17,45 (6,93)		
<b>Menina</b>	16,37 (6,54)		
<b>Afetividade mãe-filho</b>			
<b>Menino</b>	48,13 (5,48)	1,160	n.s
<b>Menina</b>	46,57 (5,01)		
<b>CBCL pontuação total</b>			
<b>Menino</b>	50,29 (16,12)	0,175	n.s
<b>Menina</b>	49,53 (20,47)		
<b>CBCL internalizante</b>			
<b>Menino</b>	14,06 (7,14)	0,161	n.s
<b>Menina</b>	16,37 (8,34)		
<b>CBCL externalizante</b>			
<b>Menino</b>	18,94 (6,51)	1,053	n.s
<b>Menina</b>	16,90 (8,47)		
<b>CBCL isolamento social</b>			
<b>Menino</b>	2,48 (2,30)	-0,027	n.s
<b>Menina</b>	2,50 (2,40)		
<b>CBCL queixas somáticas</b>			
<b>Menino</b>	1,94 (1,93)	-2,744	0,01
<b>Menina</b>	3,23 (1,71)		
<b>CBCL ansiedade e depressão</b>			
<b>Menino</b>	5,97 (3,00)	-0,886	n.s
<b>Menina</b>	6,67 (3,15)		

<b>CBCL reações emocionais</b>			
<b>Menino</b>	3,68 (2,89)	-0,376	n.s
<b>Menina</b>	3,97 (3,14)		
<b>CBCL problemas de sono</b>			
<b>Menino</b>	3,42 (2,46)	0,421	n.s
<b>Menina</b>	3,17 (2,23)		
<b>CBCL problemas de atenção</b>			
<b>Menino</b>	3,68 (1,93)	0,971	n.s
<b>Menina</b>	3,20 (1,90)		
<b>CBCL comportamento</b>			
<b>agressivo</b>			
<b>Menino</b>	15,52 (5,90)	1,029	n.s.
<b>Menina</b>	13,73 (7,54)		
<b>CBCL outros problemas</b>			
<b>Menino</b>	13,61 (6,07)	0,369	n.s.
<b>Menina</b>	13,07 (5,45)		

Análise de correlação de Pearson mostrou que os níveis de conflito das díades mãe-pai correlacionaram-se de maneira significativa com as dimensões internalizante ( $r=0,338$ ,  $p < 0,01$ ) e externalizante ( $r=0,455$ ;  $p < 0,001$ ) e com a pontuação total do CBCL ( $r=0,457$ ;  $p < 0,001$ ), assim como os níveis de conflito das díades mãe-filho tiveram correlação com as dimensões internalizante ( $r=0,266$ ,  $p < 0,05$ ), externalizante ( $r=0,286$ ,  $p < 0,05$ ) e total ( $r=0,341$ ,  $p < 0,01$ ). Com relação à afetividade mãe-pai, obteve-se correlações negativas com

o CBCL total ( $r = -0,294$ ,  $p < 0,05$ ) e com a dimensão externalizante ( $r = -0,316$ ,  $p < 0,05$ ), enquanto nas díades mãe-filho a única correlação significativa e negativa foi com a dimensão internalizante ( $r = -0,330$ ,  $p < 0,01$ ). De forma geral, quanto maior a afetividade e menor o conflito nessas famílias, seja nas díades mãe-filho ou mãe-pai/companheiro, menores os problemas de comportamento das crianças. Ainda, observa-se correlação significativa entre afetividade mãe-pai/companheiro e mãe-filho, e conflito mãe-pai/companheiro e mãe-filho.

TABELA 7 - Correlação entre Afetividade e Conflito (mães e professoras)

Variáveis		R	P<
	Familiograma afetividade mãe e pai	-0,783	0,001
<b>Familiograma conflito</b>	Familiograma conflito mãe-filho	0,399	0,01
<b>mãe-pai</b>	CBCL pontuação total	0,457	0,001
	CBCL internalizante	0,338	0,01
	CBCL externalizante	0,455	0,001
<b>Familiograma afetividade</b>	Familiograma afetividade mãe-filho	0,295	0,05
<b>mãe e pai</b>	CBCL pontuação total	- 0,294	0,05
	CBCL externalizante	- 0,316	0,05
<b>Familiograma conflito</b>	Familiograma afetividade mãe e filho	-0,441	0,001
<b>mãe-filho</b>	CBCL pontuação total	0,341	0,01
	CBCL internalizante	0,266	0,05

	CBCL externalizante	0,286	0,05
<b>Familiograma afetividade</b>			
<b>mãe-filho</b>	CBCL internalizante	-0,330	0,01
	CBCL internalizante	0,841	0,001
<b>CBCL pontuação total</b>	CBCL externalizante	0,791	0,001
	TRF total	0,349	0,01
	TRF internalizante	0,284	0,05
<b>CBCL internalizante</b>	CBCL mãe externalizante	0,422	0,001
	TRF total	0,410	0,001
<b>CBCL outros problemas</b>	TRF internalizante	0,401	0,001
	TRF internalizante	0,778	0,000
<b>TRF total</b>	TRF externalizante	0,809	0,000
<b>TRF internalizante</b>	TRF externalizante	0,327	0,01

### 1.5 Discussão

O objetivo principal dessa pesquisa foi examinar o nível de afetividade e conflito em famílias de baixa renda e sua relação com os problemas de comportamento em crianças pré-escolares, a partir da visão das mães e das professoras. Dessa forma, buscou-se verificar se existiam diferenças na percepção de mães e de professoras em relação aos problemas de comportamento das crianças pré-escolares, identificando, também, possíveis discrepâncias nessa percepção, conforme o sexo da criança.

Os resultados relativos aos problemas de comportamento mostraram que as mães percebem mais tais problemas que as professoras, resultados que corroboram com o estudo



de Bolsoni-Silva, Marturano, Pereira & Manfrinato (2006). A pesquisa mostrou também que não existe diferença na variável sexo em afetividade e conflito familiar e problemas de comportamento das crianças, resultados semelhantes ao de Teodoro (2006). O que se percebeu foi uma maior manifestação de queixas somáticas pelas meninas, o que coincide de certa forma, com a literatura existente que refere serem os meninos os que apresentam mais comportamentos externalizantes. Isso ocorre, talvez, pelo fato de que culturalmente os meninos manifestam mais comportamentos agressivos e de raiva (Cole, Zahn-Waxler, & Smith, 1994). Pode-se supor que é devido a uma maior visibilidade e contato com o ambiente que faz com que se percebam mais os comportamentos externalizantes na Escola. Por outro lado, existe também uma expectativa, referente às meninas, que elas sejam mais quietas e comportadas, o que pode levar a uma internalização de suas dificuldades, e isso também é um problema de comportamento, pois pode dificultar seu desenvolvimento social, reduzindo as oportunidades de interação (LaFreniere & Dumas, 1996). Devem-se levar em consideração os contrastes entre os ambientes escolar e familiar, e as diferenças de condições em que as mães e as professoras fazem suas avaliações. Pode-se pensar em formas de instrumentalizar as professoras para poderem perceber e entender melhor os problemas de desenvolvimento, já que as crianças permanecem a maior parte do seu dia na Escola e, se identificados e trabalhados precocemente, muitos problemas poderão ser amenizados.

Os dados revelaram a importância do grau de afetividade e conflito entre os cônjuges e pelas correlações com os problemas de desenvolvimento infantil, independentemente da configuração familiar. A família continua tendo papel fundamental no desenvolvimento de seus membros. Investir em programas que possibilitem instrumentalizar os pais para lidarem de forma mais adequada, com as situações e com seus

filhos, pode reduzir o grau de conflito e, conseqüentemente auxiliar no desenvolvimento saudável das crianças. Os papéis desempenhados por seus membros, como lidam com os conflitos, a questão da afetividade, a educação dos filhos, as diferentes configurações e como estas se constituem, se organizam, dentre outros aspectos. Diferentes autores analisam a importância do suporte dos pais, em relação ao desenvolvimento dos filhos, e referem que o desempenho em relação ao seu comportamento e ajuste social está relacionado com as interações entre pais e filhos (Aunola, Stattin, & Nurmi, 2000; Jones, Abbey, & Cumberland, 1998), como também o desempenho escolar (Chen, Liu, & Li, 2000; Connell & Prinz, 2002). A responsabilidade dos pais está associada à capacidade da criança de se ajustar ao ambiente em que vive, como os desempenhos social e intelectual (Alvarenga & Piccinini, 2001; Pacheco, Teixeira, & Gomes 1999).

Ao se efetuar o levantamento dos dados sociodemográficos, chamou atenção que todas as fichas continham os dados relativos às mães, enquanto que os dados referentes aos pais eram incompletos, o que reafirma o papel de cuidadoras e responsáveis pela educação dos filhos, pois são elas que efetuam as matrículas e preenchem os dados. A dificuldade em nomear as novas configurações fica clara quando 55,7% denominam sua relação como “vivem juntos”, e demonstram a dificuldade de aceitação dos padrões que fogem das convenções sociais. Ainda prevalece em muitas famílias o ideal imaginário da família composta pelo pai, mãe e filhos, vivendo em uma casa. Tudo o que se diferencia desse conceito, é considerado um desvio, pois comumente são designadas como desorganizadas, muitas vezes responsabilizadas pelos problemas sociais como: fracasso escolar, violência urbana, abuso de drogas e/ou álcool, delinquência juvenil, dentre outros aspectos (Araújo & Andrade, 2001).

Um fato importante é que nessas fichas, não consta pergunta sobre a renda familiar. Quando questionado, junto à Direção da Escola, esta referiu perceber que esse item ocasionava muito constrangimento, o que levou a retirá-lo da ficha de entrevistas. Através da Escala de Hollingshead (1975) verificou-se que a maioria da população da pesquisa (72,1%) possui baixa escolaridade, bem como sobrevive de trabalho informal.

É um grande desafio pesquisar famílias de baixa renda, por ser uma realidade diferente do nível sócioeconômico médio, devido às muitas variáveis encontradas, mas é também uma grande necessidade já que contempla a maior parte da população. Para programar ações que possam prevenir ou promover saúde, junto às famílias, conhecer sua realidade é imprescindível. As crianças e adolescentes, de condições socioeconômicas mais baixas são os que mais necessitariam políticas educacionais voltadas para a promoção do seu bem-estar, promovendo mudanças estruturais que reduzam fatores de risco (Del Prette & Del Prette, 2005). Promover ações que integrem família e escola e associar intervenções que visem à superação de dificuldades interpessoais e os problemas associados, como a violência, dentre outros aspectos (Del Prette & Del Prette, 2003, 2006).

O nível socioeconômico e o contexto têm implicações na formação dessas famílias. Quando se pensa em classes populares, deve-se levar em consideração a sua condição de vida, pois se reflete nos padrões de interação que estabelecem seus membros. É fundamental, para uma melhor compreensão dessa complexidade, que se busque subsídios em outras áreas como Educação, Saúde, Sociologia, Antropologia.

Artigo teórico:

**FUNCIONAMENTO DE FAMÍLIAS DE BAIXA RENDA: ALGUMAS  
REFLEXÕES SOBRE FAMÍLIAS NUCLEARES E RECASADAS**

## 2. Funcionamento de Famílias de Baixa Renda: Algumas Reflexões sobre Famílias

### Nucleares e Recasadas

#### Resumo

As mudanças ocorridas na família trouxeram novas formas de configurações que têm consequências no desenvolvimento da criança. Este artigo traz uma reflexão sobre os relacionamentos entre as díades mãe e pai e mãe e filho (a) que se estabelecem em famílias nucleares e recasadas, em especial de baixa renda. Discutem-se os conceitos atuais de família, os relacionamentos entre pais e filhos nas famílias recasadas e nucleares, enfatizando-se por fim, as famílias de baixa renda. Neste artigo, trataremos do recasamento como sinônimo de família reconstituída. Percebe-se que as famílias de baixa renda têm particularidades na distinção entre o público e o privado e na maneira como estabelecem as relações entre eles, tendo a comunidade como fonte de apoio importante.

Palavras-chave: Família; Famílias de baixa renda; Famílias Nucleares; Recasamento.

#### Abstract

The changes in the family structure have brought up novel ways of configurations, which have consequences in the child's development. This article brings a reflection on the relationships dyad mother and father and mother and child that are established in nuclear and remarried families, especially in the low-income. This article discussed the recasamento reconstituted as a synonym for family. It also discusses the current concepts of family, and the relationship between parents and kids in those families. As a result of these discussions, we can realize that the low-income families have peculiarities in the distinction between the public and the private, as well as in the way they establish their relationships, since they have the community as an important support.

Key-words: Family; Low-income families; Nuclear families; Remarried.

### Resumen

Los cambios ocurridos en las familias trajeron nuevas formas de configuraciones, las cuales tienen consecuencias en el desarrollo de los niños. El artículo hace una reflexión acerca de las relaciones de las díades madre-padre y madre-niño(a) que se establecen en las familias nucleares y reunidas, especialmente las de familias con renta baja. En este artículo el recasamiento es tratado como un sinónimo de reconstituida. Se discuten los conceptos actuales de familia, las relaciones entre padres e hijos en las familias reunidas y nucleares, dándose énfasis por fin, a las familias de clases populares. Se percibe que las familias de clases populares tienen particularidades al distinguir entre el público privado y la forma como se establecen tales relaciones entre ellos, teniendo la comunidad como fuente de importante apoyo.

Palabras clave: familia, familia con renta baja; familia nuclear; recasamiento;

## *2.1 Introdução*

Na contemporaneidade, observam-se mudanças nas famílias, nos indivíduos, assim como diversas configurações familiares, que têm reflexos em várias esferas da sociedade. Segundo levantamento do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), de 2004, o número de recasamentos aumentou de 47 mil, em 1984, para 95 mil em 2002. Muitas dessas novas uniões ocorrem de modo consensual, ou seja, sem contrato ou outro procedimento legal, firmando-se como mais uma possibilidade de união em nossa sociedade (Oliveira, 2005). Em 2002, observou-se uma queda no número de casamentos oficiais, mas, em contrapartida, houve um aumento significativo das uniões consensuais (Wagner & Levandowski, 2008). Em dados obtidos pelo IBGE em 2005, percebeu-se um crescimento de pessoas que moram sozinhas, principalmente acima dos 60 anos (e entre mulheres) o equivalente a seis milhões de pessoas. O número de casais que optam por não ter filhos aumentou, bem como a média de idade das pessoas que se casam, parecendo ser uma tendência mundial relacionada ao desenvolvimento socioeconômico-cultural. O número de lares chefiados por mulheres aumentou de 22,9% em 1995 para 30,6%, em 2005, sugerindo uma mudança de caracterização das famílias.

Estudar famílias de baixa renda é de grande importância já que é preciso compreender o seu funcionamento para conhecer suas necessidades e atender às suas demandas. Os estudos realizados no Brasil, em geral, contemplam pouco essa nível socioeconômico; por isso surge a necessidade de um maior entendimento dessa realidade, em que conflitos, agressividade, uso de drogas e/ou álcool são percebidos por algumas dessas famílias como parte de seu cotidiano (Amazonas, Damasceno, Terto, & Silva, 2003), bem como de pensar formas de intervenções preventivas mais efetivas em relação às dificuldades de relacionamentos que possam ocorrer. Para Martin e Ângelo (1999), as

pressões sofridas pelas pessoas em situação de pobreza são responsáveis, em grande parte, pelos problemas de desenvolvimento das crianças.

Assim, o presente artigo visa a discutir os relacionamentos que se estabelecem – entre casal e pais-filhos - em famílias de baixa renda. Inicialmente, tratar-se-á dos aspectos relacionados aos conceitos atuais de família. Em seguida, serão abordadas questões sobre o relacionamento pais-filhos em famílias nucleares e recasadas. Por fim, serão examinados especificamente os estudos que tratam de famílias nucleares e recasadas de baixa renda brasileiras.

## *2.2 Família: Conceitos Atuais, Preconceitos e Tabus*

A família reflete as mudanças de nossa sociedade, tais como: aparecimento de novas tecnologias, globalização, migração da sociedade rural para a urbana, mudanças culturais, ingresso da mulher no mercado de trabalho fora de casa, igualdade de direitos, emancipação sexual, dentre outras, buscando, assim, uma nova identidade conceitual. A família é tida como espaço que garante a sobrevivência, o desenvolvimento e a proteção dos filhos, independentemente do arranjo familiar ou de outra forma pela qual vem se estruturando. Proporciona suporte afetivo e material necessário para o bem-estar de todos os seus membros e desempenha papel fundamental na educação formal e informal em que são absorvidos valores éticos e humanitários, construindo marcos entre as gerações (Szymanski, 2002).

Para que se entendam as questões psicológicas que perpassam a família contemporânea, torna-se necessário diferenciar os termos arranjo, organização ou funcionamento, configuração e estrutura da família. Arranjo familiar refere-se às relações estabelecidas entre os membros de uma família, consanguíneos ou não, residentes no mesmo domicílio e que possuem funções específicas (Amazonas et al., 2003). O



funcionamento ou organização da família abrange os motivos que a viabilizam, as relações hierárquicas estabelecidas com relação ao poder, as relações afetivas, a organização e o desempenho dos papéis familiares. A organização familiar tem relação direta com a forma pela qual a família divide suas responsabilidades entre os membros. Já a configuração familiar refere-se aos elementos que fazem parte do núcleo familiar (pai, mãe, filhos, avós, tios). Por fim, a estrutura está relacionada às regras, ao poder, aos limites e contratos de convivência (Wagner & Levandowski, 2008).

A família tem grande valor em todas as camadas da população brasileira (Duarte, 1994). No entanto, tem significados diferentes, dependendo da categoria social a qual a pessoa pertence. Em classes altas, prevalece a família como linhagem que mantém entre elas uma atitude corporativista. As classes médias compreendem, em espírito e na prática, as famílias nucleares, identificadas com a modernidade. Por fim, nas camadas populares, o conceito de família relaciona-se às atividades domésticas do dia-a-dia e nas redes de ajuda mútua. Assim, a família não pode ser pensada da mesma forma em todo lugar, pois a própria noção de família varia conforme a categoria social com a qual se lida (Fonseca, 2005). A família tem sido definida como uma instituição complexa para que possa contemplar a diversidade de relações que convivem na sociedade que dita padrões culturais, sociais, políticos e econômicos, dificultando a sua caracterização (Braz, 2002;. Carvalho, 2002; Cervený, 1997; Kaloustian, 2002; Romanelli, 2002; De Antoni & Koller, 2000; Dessen & Pereira-Silva, 2005; Salles, 1999; Tuirán, 2002; Wagner, Pedrebon, Mosmann, & Verza, 2005).

Ainda que sofra transformações, a família parece não ter alterado no que diz respeito à sua responsabilidade e função social. Para vários autores (Carvalho & Almeida, 2003; Feres-Carneiro, 2001; Jablonski, 1998, 2001, 2003; Vaitsman, 1994), alguns

fenômenos universais como individualismo, diminuição do número de filhos, aumento das separações, novos arranjos familiares, longevidade e valorização do amor e da sexualidade mostram as modificações nas estruturas da família tradicional. Embora o recasamento seja bastante frequente na atualidade, observam-se tabus, mitos e preconceitos em relação a outros arranjos familiares que não sejam a família nuclear. Segundo Paludo e Koller (2008), as famílias que fogem desse padrão nuclear, podem ser vistas por muitos como desorganizadas, o que serve como justificativa à falta de condições para se manterem as necessidades básicas de afeto, cuidado, segurança e proteção à criança. No entanto, essas questões não estão esclarecidas suficientemente na literatura. Para Wendland (2002), identificar e tratar possíveis dificuldades de relacionamento da criança e de seus pais é de grande importância para a saúde pública; porém, é necessário mudar a forma de compreender essas famílias. Não se sabem ainda as vantagens ou desvantagens que a família recasada trará para o desenvolvimento das crianças, uma vez que não há estudos que permitam uma avaliação fundamentada e a longo prazo (Giddens, 2000).

A família recasada pode ser descrita como aquela formada após separação, divórcio ou viuvez de um, ou ambos os cônjuges, e após uma nova união (Brun, 1999; Oliveira, Souza, & Guerriero, 1999; Sager, Walker, Brown, Rodstern, & Crohn, 1983; Visher & Visher, 1988; Visher, Visher, & Pasley, 1997; Visher, Visher, Pasley, & Rhoden., 1996; Woods, 1987). Outra definição postulada pelos autores Carter e McGoldrick (1999, 2001), Wagner (2002) e Travis (2003), é a da união de dois adultos formando uma nova família na qual um ou ambos trazem pelo menos um filho da relação anterior. Para Oliveira (2005, p. 19) a forma mais simples de definir recasamento é “uma família na qual pelo menos um membro do casal adulto é padrasto ou madrasta”. Sob essa definição, encontram-se as uniões legais e consensuais.

Para Brun (1999), faltam em nossa cultura códigos linguísticos para nomear adequadamente as relações estabelecidas pelo recasamento, o que gera conflitos e prejudica a adequação dos seus membros aos novos papéis. Palavras como madrasta, padrasto e enteado, utilizadas para nomear esses novos papéis, comumente vêm associadas à perversidade, maus-tratos entre outras questões negativas.

Esses mitos associados à figura da madrasta, provavelmente, são alguns dos fatores que dificultam a construção de relações mais saudáveis e produtivas nas famílias recasadas. Há uma ideia de que a madrasta deve reproduzir o papel materno para manter uma estrutura familiar definida, por muitos séculos, pelo amor exclusivo, incondicional, insubstituível e natural da mãe biológica. O relacionamento entre madrastas e enteados/as está envolto em uma dinâmica complexa que reúne diversos fatores como idade da criança, com quem moram, relacionamentos anteriores, ciclo de vida, qualidades pessoais, dentre outros, relacionados tanto à criança como à madrasta, ou à própria relação e contexto familiar (Wagner, Sarriera, Falcke, & Silva, 1997).

Com respeito à dinâmica do relacionamento de madrastas e padrastos com os enteados, Smith (1995) salienta que o conflito, entre o ideal de mãe e a imagem da madrasta malvada, que prevalece no imaginário social pode impulsionar a madrasta a sentir-se obrigada a amar instantaneamente seus enteados. Quando tais expectativas não se concretizam, a madrasta sente-se culpada e inadequada em sua função (Bernstein, 1999; Brun, 1999; Carter & McGoldrick, 1999, 2001; Oliveira et al., 1999; Osório, 1996; Sager et al., 1983; Travis, 2003; Visher & Visher, 1988; Wagner, 2002). Wagner e Falcke (2000) referem não ser incomum a utilização de termos como boadrasta, mãedrasta, mãe-côver, paidrasto, pai-côver, e outros, como uma tentativa de superar as conotações negativas atribuídas às palavras madrasta e padrasto.

Apesar das dificuldades, o recasamento pode oferecer oportunidade de crescimento pessoal e relações familiares harmoniosas (Hetherington & Bray, 1998). Para Wagner (2003), desde que o divórcio foi legalizado no Brasil, intensificaram-se os estudos das suas consequências no desenvolvimento socioemocional dos filhos no nível socioeconômico médio. O investimento em novos relacionamentos acelerou, e o recasamento surgiu como uma nova possibilidade de reconstruir vínculos, afeto e companheirismo.

Guerriero, Oliveira e Souza (1999) referem que as dificuldades do recasamento surgem por conta da negação das diferenças existentes entre as configurações familiares, criando expectativas e crenças, entre seus membros, relativas à forma de relacionamento entre eles. Para esses autores, existe o mito de que todos devem se gostar da mesma maneira: o casal deve desempenhar as funções de pais biológicos e atender às necessidades psicológicas de todas as crianças da casa, ou pode dificultar a reconstrução da família. Mesmo que ainda se considerar que os cuidados da criança têm relação com o gênero, essas divisões na atualidade não são tão rígidas.

Estudiosos do recasamento (Carter & McGoldrick, 2001; Coleman, Ganog, & Fine, 2000) concordam ao afirmar que muitas das dificuldades enfrentadas pelos membros das famílias recasadas podem ocorrer pelo fato de que a sociedade e as próprias famílias utilizam a família nuclear como modelo a ser seguido. A família recasada requer uma revisão de papéis que são exercidos tradicionalmente pelos membros da família nuclear. Nessas famílias, a seleção de papéis, determinada pelo gênero, deve dar lugar à relação histórica entre pai/mãe biológicos e filhos. Por isso, Carter e McGoldrick (2001) afirmam que o recasamento implica o entrelaçamento de várias famílias. É através desse processo que esse novo sistema familiar se recupera da ruptura da separação e estabiliza sua confiança desenvolvimental.

Bernstein (2002) afirma que o recasamento implica uma desconstrução da instituição do casamento. O rompimento do primeiro casamento mostra às pessoas envolvidas que os conceitos de nossa cultura sobre a união conjugal, considerados ideais, podem não ser adequados às condições diferentes da vida atual. A partir do estabelecimento dos novos papéis e funcionamento da família, torna-se possível demarcar os limites e a responsabilidade de cada um, diminuindo o estresse do dia-a-dia e fortalecendo os laços afetivos entre eles, sendo necessário tolerância, flexibilidade e diálogo franco.

Embora muitas vezes apenas aspectos negativos sejam percebidos no divórcio e recasamento, do ponto de vista de Souza e Ramires (2006), muitas famílias se beneficiam com essas mudanças, principalmente quando envolve violência física e/ou emocional. Em situações como essa, o divórcio pode ser concebido como a possibilidade de resgatar e promover saúde na família. Quando o casal está em conflito, riscos ou problemas para o desenvolvimento de sua família são passíveis de acontecer, e a separação, nesse caso, pode ser benéfica desde que o cônjuge que obtiver a guarda dos filhos proporcione um ambiente de cuidado positivo.

Para Wagner (2002, 2003), a idéia de reinvestimento seria a mais indicada para descrever o recasamento. As denominações utilizadas para denominar essa nova configuração familiar, que utilizam o prefixo “re” (recasamento, famílias refeitas, reconstituídas, etc.) dão a ideia de uma família que se desfez e, posteriormente, refez a sua forma original, remetendo a uma crença muito comum de que essa família deva funcionar como a família-origem (Souza & Ramires, 2006; Wagner 2003).

Nas famílias recasadas também surgem novos tipos de irmãos: biológicos, adotivos, meio-irmãos, irmãos políticos e irmãos fictícios, tornando essa relação muito complexa (Andolfi, 2002; Oliveira, 2005; Wagner, 2002). Os irmãos desempenham papel importante

no desenvolvimento cognitivo, emocional e social para o outro, formando tipos diferentes de vínculos que são o resultado de uma construção definida frente às trocas estabelecidas entre eles (Oliveira, 2005). É um processo inter-relacional, podendo ser mutável de acordo com a fase em que os indivíduos se encontram (dinâmico, flexível) e pode mudar com o tempo. O recasamento modifica a relação com os irmãos e estabelece uma nova relação com os meio-irmãos ou coirmãos, apresentando características peculiares, vivenciando sentimentos intensos nos quais a rivalidade, insegurança e competição podem aparecer, mas também podem ser construídas relações positivas de companheirismo.

### *2.3 Relacionamento Mãe-Pai-Filho em Famílias Nucleares e Recasadas*

Para um bom funcionamento familiar, é importante que seus membros desenvolvam um clima favorável e uma boa comunicação, pela qual os filhos possam movimentar-se entre as casas de seus genitores e parentes (Carter & McGoldrick, 1999; Hetherington, Mavis, & Kathleen, 1994). É necessário reconhecer as diferenças dos laços entre seus integrantes, rever os papéis de gênero da família e manter um forte relacionamento conjugal. Os pais biológicos precisam desenvolver um relacionamento com seus filhos e construir uma relação sólida com seu cônjuge; estabelecer um relacionamento de madrasta, padrasto e enteado (a), adaptando e envolvendo a criança ao novo relacionamento de seus pais biológicos, construindo e mantendo um relacionamento de apoio entre os irmãos. Tudo isso não é tarefa fácil. Tais relações podem ser construídas de diferentes formas: intensas, superficiais, passageiras, duradouras, afetivas ou não, deixando marcas nas suas vivências (Oliveira, 2005).

Wagner e Levandowski (2008) referem que, em muitas famílias, existe uma falta de definição das fronteiras de relacionamento, que se torna difícil estabelecer limites e hierarquia entre seus membros. Enquanto no primeiro casamento existe a consanguinidade,

mesmo sobrenome e residência, no recasamento essas fronteiras não são tão claras. Isso ocorre, muitas vezes, pela falta de clareza com duas residências ao mesmo tempo para os filhos; pela possibilidade de não considerar os coirmãos como membros da família; por existirem dúvidas quanto ao pertencimento por parte do padrasto e madrasta, por dúvidas sobre as questões referentes à divisão de responsabilidade entre pai biológico e padrasto, dentre outros (Oliveira, 2005).

Wagner et al. (2005) ao analisarem o exercício, a divisão de papéis e as funções desempenhadas por progenitores na criação e educação de seus filhos em idade escolar em famílias de classe média na cidade de Porto Alegre, constataram que, na maioria das famílias recasadas, os filhos moram com a mãe, o padrasto e os irmãos. Com relação ao sustento, enquanto na família original este era assumido principalmente pelo pai, no recasamento o padrasto assume a liderança, seguido pela mãe. O pai biológico transfere também aspectos, relativos à sua autoridade, para a mãe. A relação que se estabelece no subsistema fraterno é ampliada, passando a ter irmãos consanguíneos, meio-irmãos e irmãos políticos. Nesses tipos de relacionamento, existem um maior companheirismo e cooperação entre os irmãos do que os de família original, podendo esse movimento estar relacionado a uma tentativa de manter vínculos essenciais e estruturantes da família.

Em contraposição, no nível socioeconômico baixo, as famílias tentam adaptar os modelos sociais predominantes às suas condições (Amazonas et al., 2003). O trabalho feminino é importante para o sustento da família. A figura masculina em algumas famílias vem atrelada ao desemprego, uso de álcool e drogas, enfraquecendo o seu papel. Com essas diferenças, os filhos passam a ser vistos muitas vezes como força de trabalho e ganho econômico para a família. O que prevalece nessas relações é a lógica da solidariedade que

não se restringe apenas aos parentes, mas também aos vizinhos. Essa lógica reorganiza os valores e as realizações pessoais, priorizando o interesse do grupo.

Evidentemente, apesar de o modelo nuclear ser considerado o ideal para a sociedade, as funções de padrasto ou madrasta não são as mesmas de pai ou mãe. Wagner et al. (1997) observaram que os filhos nas famílias reconstituídas têm sentimentos diferentes pelo padrasto ou madrasta, assim como o padrasto e a madrasta não possuem, pelos enteados, os mesmos sentimentos que nutrem em relação aos seus próprios filhos. As mães e pais entendem que devem ter, em relação aos seus filhos, um amor incondicional e que são responsáveis pelo seu bem-estar físico e mental, e o padrasto ou madrasta se veem na obrigação de se adaptar a um ideal de pais, tentando de todas as formas substituir os pais biológicos.

No recasamento, as madrastas e padrastos, devido à falta de laços biológicos e de uma história familiar conjunta, podem sentir-se ambíguos ao desempenhar seus papéis de responsabilidade. Essa situação faz com que ocorram em muitas ocasiões, resistência e problemas de comportamento da criança (enteada), especialmente no início da relação (Kim, Hetherington, & Reis, 1999).

Os mitos crescem e se desenvolvem especificamente sobre os vazios, a falta ou escassez de dados e explicações plausíveis (Andolfi & Angelo, 1989). Nesse sentido, Wagner e Falcke (2000) constataram, em pesquisa realizada com mães e madrastas na cidade de Porto Alegre, que 44% das entrevistadas afirmaram que a família recasada deveria funcionar como uma família original, sem que estas respostas tenham diferenças nos dois grupos. Outro dado é que a maioria das mulheres entende que seu comprometimento com a educação dos filhos independe de que seja mãe ou madrasta. Em se tratando da responsabilidade pelo bem-estar físico e emocional dos filhos, tanto as mães



quanto as madrastas concordam com esse mito, bem como afirmam que ser mãe faz parte da vida da mulher. Nas famílias de baixa renda, os cuidados relativos aos filhos ficam por conta da mãe que ainda mantém o papel de cuidadora, podendo ser dividido com outras pessoas como avós, parentes, vizinhos. Em relação a diferenças, entre esses cuidados nas famílias nucleares e recasadas, podem apresentar resultados diferentes devido à cultura existente nessas classes, porém carecem dados referentes por não existirem pesquisas relacionadas ao tema (Amazonas et al., 2003).

Assim, o recasamento requer um realinhamento das estruturas de poder e uma divisão mais equitativa no gerenciamento doméstico, de acordo com a importância de cada membro da família (Burdon, 1998; Wagner, 2002). Atualmente, pais e mães mesclam cada vez mais seus papéis, sendo responsáveis, por igual, pelos cuidados, bem-estar e manutenção das questões materiais dos filhos, o que gera uma nova forma de paternidade e maternidade, mais condizente com as novas demandas, pelas quais homens e mulheres são provedores e precisam conciliar os cuidados para com os filhos, reformulando, assim, sua função (Dantas, Jablonski, & Feres-Carneiro, 2004; Travis, 2003).

No entanto, independente do tipo de família aqui referida, parece que os conflitos conjugais podem trazer prejuízos não só para os cônjuges, mas também para o desenvolvimento dos filhos (Erel & Burman, 1995). Um desses conflitos se refere à coparentalidade que é entendida como a cooperação entre ambos os genitores na criação e educação de seus filhos. Os pais que organizam contextos favoráveis, como uma adequada comunicação com seus filhos e ambiente acolhedor, proporcionam condições favoráveis ao desenvolvimento infantil. Ocorre que, quando os pais estão recasados, possuem menos tempo e momentos juntos para pensarem na educação dos filhos (Margolin, Gordis, & John, 2001), utilizando muitas vezes os filhos para se comunicarem, ou evitam participar de

momentos conjuntos de tomada de decisão. Segundo Grzybowski (2007), em sua pesquisa sobre o envolvimento parental após a separação e o divórcio com 234 sujeitos (117 pais e 117 mães) com crianças em idade escolar, observou que muitos pais demonstram dificuldade em manter uma relação parental saudável, que estão em processo de aprendizagem na educação dos filhos e estão sempre avaliando e aprendendo com a prática. Afirma que não houve nenhum aspecto negativo em relação à coparentalidade no recasamento, parecendo lidar bem com essa experiência.

Com respeito aos problemas de comportamento infantil que podem estar relacionados às relações familiares, evidências empíricas da década passada indicavam que os problemas de comportamento exteriorizado eram mais frequentes em crianças, cujos pais eram divorciados e recasados, do que em crianças cujos pais não eram divorciados (Bray & Berger, 1993; Hetherington, & Bray, 1998). Esses dados se devem, provavelmente, à visão negativa que se tinha sobre o divórcio, para efeito do desenvolvimento infantil naquele período. Nos últimos anos, contudo, essa visão tem mudado. Souza e Ramires (2006), ao investigarem as concepções da criança acerca de família, divórcio e pós-divórcio, e os vínculos familiares, em crianças em idade escolar de diversas condições de conjugalidade, observaram que essas crianças reconheciam e valorizavam a necessidade tanto do pai quanto da mãe de reorganizarem sua vida afetiva através do relacionamento com novos parceiros. Diante de um novo casamento, a criança se reconduz à ação, e os cônjuges se transformam em pai e mãe. Essas incongruências nos resultados dos estudos refletem a necessidade de mais pesquisas acerca do tema, para se poder compreender melhor como se constroem a educação e a socialização das crianças nessas famílias.

#### 2.4 Famílias Nucleares e Recasadas de Baixa Renda

Pouco se sabe sobre os processos e dinâmica de funcionamento de famílias de baixa renda brasileiras, embora alguns estudos nacionais demonstrem que estas famílias se mostram, muitas vezes, hábeis na tomada de decisões e na superação de grandes desafios, mostrando-se fortalecidas diante da proporção e das situações desfavoráveis de suas vidas (Carvalho, 1995; Mello, 1995; Sarti, 1996; Szymanski, 1988). Cada família deve ser percebida como uma pequena sociedade com características próprias, em que cada grupo familiar pode apresentar mecanismos e processos diferenciados de superação das adversidades (Garbarino & Abramowitz, 1992). Cada contexto tem características diferentes que demandam diferenças no seu funcionamento.

A pobreza pode ser classificada por insuficiência de renda; privação das necessidades básicas; exclusão social; e privação das capacitações básicas (Comim & Bagolin, 2002). Todas essas dimensões afetam as famílias na sua maneira de ser e de viver, dando-lhes algumas peculiaridades na sua organização (Bem & Wagner, 2006).

Segundo a Síntese dos Indicadores Sociais de 2008, do IBGE, do total dos 60,1 milhões de famílias brasileiras, 28,1 milhões (47,7%) contavam com, pelo menos, uma criança ou adolescente de até 14 anos de idade. A pobreza no país, embora tenha se reduzido nos últimos 10 anos, continua a afetar, com muito mais intensidade, as crianças e adolescentes. Em 2007, a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) revelou que 30,0% dos brasileiros viviam com rendimento familiar mensal de até  $\frac{1}{2}$  salário mínimo *per capita*. No caso dos domicílios com crianças e adolescentes de 0 a 17 anos, essa proporção sobe para 46%. Chama mais atenção, ainda, o percentual de domicílios, com crianças, com rendimento familiar mensal de até  $\frac{1}{4}$  de salário mínimo, atingindo 19,6%. Aproximadamente um terço das famílias vivia, em 2007, com rendimento mensal de até  $\frac{1}{2}$

salário mínimo per capita. Somente 54,5% dos domicílios, com crianças até seis anos, possuíam todos os serviços de saneamento simultaneamente. Não há dados concretos sobre o número de recasamentos nessas famílias de baixa renda, nos Órgãos oficiais do Governo, provavelmente porque muitas dessas uniões não são oficializadas.

Para Bem e Wagner (2006), as características das famílias de baixa renda afetam diretamente o seu modo de viver, criando peculiaridades na forma como se organizam. Mesmo em famílias menos numerosas, o núcleo familiar inclui outros membros como parentes, tios, avós, vizinhos. Embora a mulher tenha o papel central, elas ainda mantêm valores e padrões patriarcais. Ainda assim, ocorrem muitos rompimentos conjugais que, juntamente com a instabilidade de emprego, precisam desenvolver formas para que seus membros possam se desenvolver, recorrendo muitas vezes à rede familiar mais ampla e/ ou ao vizinho através da solidariedade.

As famílias de baixa renda têm se desenvolvido sob condições de angústia social e econômica. Nessas famílias, os filhos representam a força de trabalho e ganhos econômicos (Bilac, 1995). As mulheres podem ficar sobrecarregadas de trabalho, pois trabalham fora e fazem as atividades da casa sozinha em muitos casos. Além disso, por existir pouca preocupação com o estudo e formação dos filhos e pela necessidade econômica, estes podem buscar trabalho, ainda adolescente, como forma de contribuir para a manutenção do lar.

De acordo com Martin e Ângelo (1999), as famílias de baixa renda possuem características peculiares relativas à estrutura e papéis familiares, processos de comunicação familiar e socialização dos filhos. Nessas famílias, ocorre uma aceleração no processo de formação do casal, no casamento, e nascimento dos filhos, o que segundo Fulmer (1995), resulta na diminuição do tempo necessário para o ajustamento dos estágios

do ciclo de vida familiar. Devido à falta de perspectiva em relação ao futuro e a pressões do próprio ambiente, as mulheres casam e geram filhos com pouca idade. Tal fato pode trazer como consequência uma fragilidade no desempenho do papel de mãe (Amazonas et al., 2003).

O modelo de família, imposto pela história às famílias pobres, é o patriarcal; porém, no cotidiano esse modelo nem sempre se sustenta (Narvaz & Koller, 2006). Segundo Silveira, Falcke e Wagner (2000), a maioria dessas famílias é chefiada por mulheres, sendo um fator que acentua e centraliza a relação mãe-filho, já que a mulher tornou-se provedora. Em algumas famílias os homens estão desempregados, envolvidos com a polícia, com uso de álcool ou outras substâncias. Assim, a mulher desempenha inúmeras funções, o que torna o homem uma figura de autoridade fragilizada. É na busca de um homem ideal como provedor que ocorrem muitos casamentos nessas famílias e, com isso observa-se uma flutuação quanto à ocupação de papéis e funções desempenhados. Esses dados são corroborados pelo IBGE, de 2001, aponta que, no Brasil, 27,5% das famílias têm a mulher como referência financeira, índice que vem crescendo e atinge as camadas menos favorecidas do País.

Torna-se imprescindível, nas famílias de baixa renda, desenvolver estratégias de sobrevivência frente à pobreza, contando com toda a rede familiar, principalmente no cuidado com os filhos (Amazonas et al., 2003). Com isso, essas famílias promovem uma relação de solidariedade que se opõe ao individualismo, reordena valores e coloca seus membros conforme o interesse e necessidades do grupo, para garantir a qualidade de vida de cada um frente a um contexto que oprime o seu desenvolvimento. Para Sarti (1995), um aspecto peculiar do funcionamento dessas famílias refere-se à indiferenciação entre a rua e a casa. As condições físicas da casa, com poucos cômodos, falta de espaço e proximidade

com outras residências, influenciam o prolongamento do lar para a rua, o que segundo esse autor, dificulta a diferenciação entre o que é público e o que é privado. Assim, os cuidados das crianças são compartilhados por diversas pessoas.

De fato, as dificuldades pelas quais passam as famílias de baixa renda, relativas à privação e a questões básicas, por suas condições socioeconômicas, podem ter reflexos no desenvolvimento das crianças. Nesse sentido, Martins, Costa, Saforcada e Cunha (2004) avaliaram 640 crianças nascidas em 1993, as quais foram acompanhadas, em 1998, na cidade de Pelotas (RS). Os autores verificaram que a renda familiar é determinante para a qualidade de vida das famílias quanto ao acesso à saúde, educação, alimentação e habitação, entre outros.

Em estudo sobre o funcionamento e os arranjos familiares de crianças de baixa renda de uma escola pública de Recife, Amazonas et al. (2003) constataram que 32,7% das famílias eram nucleares, 16,3% recasadas, 14,3% monoparentais, 8,2% adotivas e 4,1% abrangentes, demonstrando, assim, a diversidade de modelos. Os recasamentos se deviam à procura de um parceiro que fosse provedor. As dissoluções das uniões foram além das questões financeiras, incluindo conflitos e agressividade. A pesquisa confirmou dados do IBGE, de 2001, bem como os estudos de S. C. da Silveira, Falcke e Wagner (2000), que fixaram a mulher no papel central da família.

Na pesquisa realizada por Gomes et al. (2004), foram entrevistados 32 professores de Ensino Fundamental de escolas públicas da cidade de São Paulo, com o objetivo de detectar os fatores do comportamento das crianças de famílias reconstituídas, que estariam associados ao seu aprendizado e às dificuldades apresentadas. Os resultados mostraram despreparo dos professores para lidarem com as questões da família reconstituída. A pouca diferença de idade entre as crianças e a falta de apoio dos pais nos cuidados com os filhos,

o que pode trazer efeitos prejudiciais para o seu desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial. Os achados de Comim e Bagolin (2002) comprovam a condição socioeconômica baixa como um fator de privação das necessidades básicas e exclusão social, impossibilitando o acesso ao mínimo necessário ao bom desenvolvimento físico, social e emocional. A saúde, para os autores, resulta das condições de moradia, acesso à cultura, ao esporte, ao lazer e à educação, além do cuidado com aspectos biológicos, bem como o desenvolvimento infantil que deve compreender as múltiplas influências e fatores do contexto na qual a criança está inserida.

Braz, Dessen e Silva (2005) realizaram um estudo com o objetivo de descrever aspectos da qualidade das relações parentais e maritais de 14 famílias de nível socioeconômico médio e baixo, compostas por pai, mãe e criança na faixa de 4 a 5 anos. Os resultados mostraram diferenças nos valores em relação à educação das crianças, segundo o nível socioeconômico. Para as famílias de renda média, o mais importante é transmitir valores relacionados à sociabilidade e à afetividade para os filhos, Um bom pai significa ser participativo e prover emocionalmente os filhos, disciplinando-os e orientando-os, enquanto a boa mãe é aquela que orienta afetivamente, participa e proporciona suporte emocional. Existe uma preocupação quanto à satisfação profissional e felicidade nas suas escolhas de vida. Entretanto, nas famílias de renda baixa há uma preocupação com que seus filhos sejam estudiosos, honestos, respeitadores e trabalhadores. O papel dessas mães implica em ser afetiva, saberem disciplinar e corrigir os erros dos filhos; porém, para os pais, basta serem afetivos. As diferenças também se referem ao casal, em que, para as famílias de renda média, a satisfação diz respeito ao grau de compromisso, intimidade, similaridade, trocas afetivas e negociação dos envolvidos. Para as de renda baixa, a

satisfação em relação ao casamento significa ausência de brigas e conflitos entre o casal e com os filhos.

Martin e Ângelo (1999) também observaram particularidades quanto ao funcionamento de famílias de baixa renda. Os autores fizeram acompanhamento domiciliar de 10 mães a fim de compreender as suas percepções sobre o significado do seu papel na família em relação ao cuidado para com os filhos e as estratégias utilizadas para desempenharem esse cuidado. Observaram que a mãe exercia o papel principal dentro da família, suas preocupações giravam em torno de resoluções dos problemas do momento, e não havia muitas expectativas quanto ao seu futuro. Outro aspecto apontado dizia respeito à aceleração do processo de formação de um casal. Frequentemente os filhos vinham antes do casamento, o que poderia de certa forma fragilizar o desempenho dos papéis de pais, principalmente da mãe. Entendem que essas diferenças decorrem de valores distintos de visões de mundo vinculados ao contexto social, econômico, histórico e cultural em que as famílias estão inseridas.

### *2.5 Considerações finais*

A partir da literatura revisada, é possível identificar modificações na família em virtude das mudanças culturais e sociais. A família nuclear, nesse sentido, deixa de ser o único modelo de família aceito. Questionar e desconstruir esse modelo de família nuclear, que ainda é tido como referência, possibilita a visualização de outros tipos de configurações familiares e o entendimento de seu funcionamento. Para tanto, torna-se necessário que se leve em consideração que as famílias também são agentes das transformações da sociedade. Além disso, as influências sociais que vem interferindo na família contemporânea, como o culto ao individualismo, a legalização do divórcio, a diminuição do número de filhos, o



surgimento de novas configurações, o papel da mulher frente ao trabalho remunerado, seguem gerando transformações nas organizações familiares e nos vínculos estabelecidos.

É importante salientar que a maioria dos estudos brasileiros está focada em famílias de nível socioeconômico médio. Devido à complexidade dos fatores que permeiam as relações familiares (diversidade cultural e conceitual, diferentes configurações) e muitas outras questões, esses achados não podem ser trasladados às famílias de baixa renda.

No que se refere às famílias de baixa renda, realidade da maioria da sociedade brasileira atual, existem escassos estudos a respeito, o que dificulta o seu entendimento e realização de intervenções psicológicas com essas famílias. Uma das dificuldades observadas é a dificuldade de denominar as diferentes configurações dessas famílias que não são nucleares, já que os preconceitos com outros tipos de famílias podem ser transmitidos de geração a geração e acabam interferindo na percepção e julgamento das pessoas frente às demandas dessas famílias. É necessário, então, uma mudança na forma de pensar sobre família, em especial sobre as famílias de baixa renda, desconstruindo conceitos e rompendo paradigmas, para melhor compreender seu funcionamento.

A ideia de que o homem é o provedor e à mulher é atribuída à função de cuidadora dos filhos e da casa, parece não se aplicar à grande parte das famílias de baixa renda a partir da revisão realizada. Essa diferença em relação à noção tradicional de família pode facilitar ou contribuir para a dissolução de suas relações.

Outro dado importante fornecido pela literatura é a questão do papel da mulher, em face da possível desvalorização da figura masculina, que muitas vezes está atrelada ao envolvimento com a polícia, desemprego, uso de álcool e drogas, dentre outros. Nesses casos, a mulher passa a exercer o papel principal dentro da família, tanto no cuidado com os filhos como na manutenção financeira da casa. A inclusão de parentes, avós, vizinhos nos

cuidados das crianças, em famílias de classes populares, é comum. Uns auxiliam aos outros em todos os sentidos para que as mães possam trabalhar, tornando a educação dos filhos algo comum a todos da comunidade. Assim, pode-se inferir que essas crianças passam a ter muitos modelos de figuras maternas e paternas para o seu desenvolvimento. Quando a mãe assume integralmente a família, ela fica sobrecarregada, reduzindo seu tempo de permanência com os filhos, gerando preocupações e angústia que se refletem na sua relação com os mesmos.

Independente das mudanças nas configurações familiares, é importante considerarmos como é o funcionamento familiar, relações e papéis exercidos pelos seus membros. Daí a necessidade de se analisar como tais relações se constroem frente à educação dos filhos. Os estudos trazem que o conflito e/ ou a afetividade na relação dos pais podem gerar consequências para o desenvolvimento dos filhos. Conhecer essa realidade pode proporcionar subsídio para a construção de projetos de intervenção, prevenção e promoção de saúde para essa população.

Levando-se em consideração que as crianças permanecem grande parte do seu tempo na escola, instrumentalizar o corpo discente frente a essa realidade para melhor compreender e lidar com essas questões se torna essencial. Para isso é fundamental compreender as diferenças entre as famílias de diferentes culturas e níveis sócio-econômicos e suas privações, para se encontrar um equilíbrio entre os recursos e demandas das famílias em relação aos seus problemas. Tais diferenças têm grande implicação na construção de recursos disponíveis para atender estas crianças, visto que as famílias estão expostas a várias tensões emocionais por conta de sua realidade.

Há evidências da necessidade de mais estudos contemplando o nível socioeconômico baixo, para que se possa pensar em intervenções de prevenção e promoção

de saúde para essa população. Talvez, pela tradição elitista que ainda faz parte da prática do psicólogo, ou, pela complexidade de variáveis que fazem parte do cotidiano dessas famílias, ainda não nos sentimos à vontade para nos aventurar a estudar mais profundamente essa camada social que tem, sem dúvida, um tipo de funcionamento peculiar frente aos demais níveis socioeconômicos e que se constitui na maior parte da população a brasileira.

Artigo Empírico:

**AFETIVIDADE E CONFLITO FAMILIAR: SUA RELAÇÃO COM PROBLEMAS  
DE COMPORTAMENTO EM PRÉ-ESCOLARES**

### 3. Afetividade e Conflito Familiar: sua relação com Problemas de Comportamento em Pré-Escolares

#### Resumo

A família é considerada um sistema social essencial na transmissão de crenças, ideias, conceitos, significados sociais, influenciando o comportamento das crianças. As relações afetivas estabelecidas na família constituem um dos fatores determinantes para o desenvolvimento emocional da criança. As famílias de baixa renda possuem peculiaridades, mas geralmente tentam se aproximar dos modelos vigentes na sociedade. Assim, o objetivo desse estudo foi examinar o nível de afetividade e conflito em famílias de baixa renda e sua relação com os problemas de comportamento em crianças pré-escolares, a partir da visão das mães e das professoras. Participaram do estudo 59 mães de crianças em idade pré-escolar e suas respectivas professoras, que responderam a instrumentos de afetividade e conflito familiar e problemas de comportamento infantil. Os dados revelaram a importância do grau de afetividade e conflito entre os cônjuges e sua relação com os problemas de desenvolvimento infantil, independentemente da configuração familiar. O nível socioeconômico e o contexto têm implicações na formação destas famílias, interferindo na forma de educar seus filhos e exercendo papel fundamental no desenvolvimento de seus membros.

Palavras chave: Família. Afeto. Conflito. Famílias de baixa renda. Problemas de Comportamento.

#### Abstract

The family is considered an essential social system in the transmission of beliefs, ideas, social meanings, which has strong influence in the children's behavior. The affectionate relationships established in the family are essential for the emotional development. The

low-income families have peculiarities, but generally they try to approach the current social pattern. The objective of this study was to examine the level of affection and conflict in low-income families and their relation to behavior problems in preschool children from the sight of mothers and teachers. Participants were 59 mothers of children in preschool and their teachers, who responded to instruments of affection and family conflict and child behavior problems. To do so, it was based on the mother's and teacher's point of view on the subject. The data highlighted the importance of the degree of affection and conflict between the father and mother, and its relationship with the children's development problems, independently of the family structure. Both the socioeconomic level and the context have implications for the families' structure, which interferes in the way they raise their children, playing a vital role in its members' development.

Key-words: Family; Affection; Conflict; Low-income; Problems of Behavior;

#### Resumen

La familia es considerada un sistema social esencial en la transmisión de creencias, ideas, significados sociales, con fuerte influencia en el comportamiento de los niños. Las relaciones afectivas establecidas en la familia constituyen un determinante en el desarrollo emocional. Las familias de renta baja poseen peculiaridades, pero, generalmente, intentan aproximarse de los modelos vigentes en la sociedad. El objetivo de este estudio fue examinar el nivel de afecto y de conflicto en baja las familias de ingresos y su relación con problemas de conducta en niños en edad preescolar de la vista de las madres y los profesores. Los participantes fueron 59 madres de niños en edad preescolar y sus maestros, quienes respondieron a los instrumentos de afecto y de los conflictos familiares y problemas de conducta infantil. Los datos revelan la importancia del grado de afectividad y conflicto entre los cónyuges y sus relaciones con los problemas del desarrollo infantil,

independiente de la configuración familiar. El nivel socioeconómico y el contexto tienen participación en la formación de estas familias, influenciando la forma de educar a sus hijos, ejerciendo un papel fundamental en el desarrollo de sus miembros.

Palabras llave: familia, afecto, conflicto, renta baja, problemas de comportamiento.

### *3.1 Introdução*

A família é o principal meio de socialização, por introduzir crenças, cultura, modos de pensar, construindo sujeitos e cidadãos. É nela que ocorrem as primeiras relações, identificações com figuras importantes e, portanto, onde se produzem os primeiros comportamentos da criança (Amazonas, Damasceno, Terto, & Silva, 2003). As relações afetivas estabelecidas na família constituem um determinante para o desenvolvimento emocional (Mondin, 2005). É considerado um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo e media os padrões culturais na nossa sociedade (Amazonas et al., 2003; Kreppner, 2000). A família também pode ser vista como um sistema social que transmite crenças, ideias e significados sociais; portanto, tem uma forte influência no comportamento, principalmente das crianças, que aprendem as diferentes formas de ver o mundo e constroem as suas relações sociais. As experiências familiares oportunizam a formação de repertório de comportamentos, ações, resoluções frente aos problemas (Dessen & Polônia, 2007). É no ambiente familiar que a criança aprende a lidar com os conflitos, a controlar suas emoções, a demonstrar os diferentes sentimentos que permeiam as relações e a lidar com a vida e suas adversidades.

Para Teodoro et. al. (2009), a família é essencial para a formação e socialização da criança. Proporciona a ela uma estrutura de apoio para lidar com os problemas sociais, escolares e financeiros. Nesse sentido, para esse autor, é de grande importância identificar os aspectos do funcionamento do sistema familiar, que podem estar relacionados tanto ao bom funcionamento emocional e cognitivo como às psicopatologias. Os pais proporcionam ou deveriam proporcionar todo o suporte necessário para que isso ocorra, além de funcionarem como mediadores das questões sociais (Baptista & Oliveira, 2004; Rocha & Brandão, 2001). Para Gomide (2004), os valores morais e os padrões de conduta são



aprendidos, principalmente, pelo convívio familiar. É nele que ocorre o primeiro contato social da criança, que pode ou não propiciar a aprendizagem e a formação comportamental da pessoa.

Os valores e padrões de cada família também são determinados pelo nível socioeconômico a qual está inserida. A pobreza é um fenômeno multidimensional e envolve aspectos como fome, local de moradia precário, doença, sentir-se excluído e isolado. Essa dimensão de pobreza é limitada porque os indicadores de renda, isoladamente, não mostram os aspectos sociais, culturais e políticos que influenciam a qualidade de vida das pessoas (Cossio, 2001). O Rio Grande do Sul, local onde foi realizado o presente estudo, não é considerado um Estado pobre, mas existem nele muitas famílias de baixa renda. Para o autor, se levada em consideração a renda como indicador de pobreza, existem mais de 2,5 milhões de pessoas nessas condições no Estado, o que equivale a 21,52%.

A importância da família é evidente para todos os níveis socioeconômicos, mas possui significados diferentes. Para pessoas de nível socioeconômico baixo, o conceito de família se baseia nas atividades domésticas do dia a dia e nas redes de apoio mútuo (Fonseca, 2005). As famílias de baixa renda possuem algumas peculiaridades, mas de forma geral tentam se aproximar dos modelos vigentes na sociedade (Amazonas et al., 2003). Para algumas dessas famílias, os filhos representam força de trabalho e ganhos econômicos. Nesse nível socioeconômico, a divisão de trabalho, no sentido do homem como provedor e da mulher cuidadora dos filhos e da casa nem sempre se sustenta, pois em alguns momentos, aliado ao desemprego masculino, uso de álcool e drogas, a figura masculina pode mostrar-se fragilizada, tornando o trabalho feminino vital para a sobrevivência da família. Assim, a família necessita desenvolver estratégias para sua

sobrevivência e cuidados com seus membros, especialmente crianças, envolvendo toda a rede familiar e vizinhança. A família extensa e vizinhança colaboram tanto financeiramente como nos cuidados com as crianças, ampliando assim, as possibilidades de identificações e flutuação de papéis e funções, e não significa que, nessas famílias, não haja divergências e conflitos. As casas pequenas, precárias e desconfortáveis, fazem da rua sua extensão, diferenciando com mais dificuldades o que é público e o que é privado. As famílias, na sua maioria, são chefiadas por mulheres que assumem várias funções. As sucessivas uniões dessas mulheres podem ser consideradas uma tentativa para manter o homem como figura provedora do lar. As interações entre pais e filhos acontecem muito frequentemente mediante problemas instalados, visando à sua solução e não à sua prevenção, o que acaba comprometendo o futuro das crianças, pois há pouco planejamento e perspectivas em relação a eles (Martin & Ângelo, 1999).

Os pais exercem influência na construção dos vínculos afetivos das crianças. A qualidade dos laços afetivos formados entre pais e filhos pode ser considerada preditora de um desenvolvimento saudável e, conseqüentemente, de interações e padrões de ajustamento positivos em todos os ambientes em que participam (Dessen & Polônia, 2007). No entanto, esses mesmos laços afetivos podem dificultar o desenvolvimento da criança e provocar problemas no seu ajustamento social. A relação entre os pais é essencial para o desenvolvimento dos filhos. Benetti (2006) refere que os conflitos entre o casal podem ser manifestos através de discussões, brigas ou velados manifestados por boicotes, indiferença dentre outros. Levando em consideração que toda relação envolve certo nível de conflito, é importante entender que aspectos do desenvolvimento infantil são afetados por eles, seja emocional, cognitivo, ou na esfera comportamental (Cummings, 1998). Alguns estudos

(Teodoro, 2006; Teodoro & Kappler, 2003) relacionam a importância que o afeto e o conflito no sistema familiar têm sobre a qualidade de vida das crianças.

A afetividade refere-se ao conjunto de emoções positivas que existem no relacionamento interpessoal (Baptista, Teodoro, Cunha, Santana & Carneiro, 2001) Ela implica uma relação de carinho e cuidado que se tem com alguém. Os laços afetivos proporcionam apoio psicológico e social na família, auxiliando no enfrentamento das dificuldades do cotidiano.

O conflito, em contrapartida, é caracterizado por sentimentos negativos que podem gerar estresse e agressividade no sistema familiar (Baptista et al., 2009) Por conflito entende-se a luta interna individual entre as necessidades, impulsos, ou exigências internas e externas opostas ou incompatíveis. Nas interações de grupo, refere-se à competição, ou oposição, entre partes incompatíveis: estado ou ação antagonística (de idéias, interesses ou pessoas divergentes).

A relação entre pais, mães e filhos no início da vida está associada a uma série de comportamentos por meio dos quais o indivíduo inicia e mantém relações afetivas estáveis e na menor incidência de problemas sócio-emocionais e cognitivos na pré-escola segundo Zamberlan (2002). A relação entre os pais tem sido apontada por Braz, Dessen e Silva (2005), como fator importante para a qualidade de vida das famílias, influenciando nos cuidados com os filhos e nas relações entre pais e filhos. O apoio dos pais para com as mães possibilita um desenvolvimento saudável aos filhos.

Educar os filhos torna-se uma tarefa árdua para os pais. Entre as possíveis causas de problemas emocionais e de comportamento em crianças pré-escolares estão fatores familiares, separações, doenças psiquiátricas em um dos cônjuges, tamanho e agressões dentro da família, dificuldade dos pais em estabelecer limites, acontecimentos importantes

na vida da criança, negligência, comunicação, sintonia entre pais e filhos entre outros (Keow & Woodward, 2002; Ferriolli, Marturano, & Puntel, 2007). Crianças que manifestam comportamentos agressivos e de oposição podem desenvolver comportamentos negativos em longo prazo, como comportamento antisocial. Para isso, devem-se levar em conta as características da criança e o contexto social (Silver, Measelle, Armstrong, & Essex, 2004). As separações matrimoniais podem ser fatores que contribuem para a externalização de comportamentos da criança, inclusive na interação social com seus colegas (Ackerman, D'Eramo, Umylly, Schultz, & Izard., 2001).

As mudanças de comportamentos advindas do desenvolvimento são importantes por permitirem à criança a aprendizagem de novas habilidades, e são manifestadas através de comportamentos desejados ou indesejados, sendo estes últimos divididos em internalizantes ou externalizantes (Achembach, 1991; Bolsoni-Silva, Marturano, & Manfrinato, 2005). Como comportamentos indesejados internalizantes evidenciam-se o retraimento e ansiedade, preocupação exagerada, tristeza, insegurança, timidez, medos, manifestações psicossomáticas, recusa escolar, etc. Os comportamentos externalizantes são marcados por impulsividade, explosividade, agressividade, agitação, características desafiantes e anti-sociais como mentiras, furtos, faltar-aula, desrespeito a limites, brigas, impulsividade e hostilidade nos relacionamentos. São comportamentos que dificultam a sua interação com o ambiente gerando conflitos e frequentemente ocasionando rompimento nas interações. Na pré-escola, comportamentos externalizantes, como a agressividade, são frequentes e estão presentes no repertório de crianças saudáveis. Porém, o que difere uma criança saudável de uma criança perturbada, são a frequência e a intensidade dessas atitudes. Geralmente, no contexto escolar, o comportamento externalizante é mais facilmente identificado, provavelmente por ter maior visibilidade e interferir na dinâmica da sala de aula. Dessa

forma, a escola passa a ser um espaço importante de prevenção, tendo o professor o papel fundamental de identificar os alunos com dificuldades e, assim, possibilitar-lhes o desenvolvimento de habilidades sociais, facilitar a interação com os colegas e adultos, possibilitando uma maior e melhor convivência, o que é indispensável para a adolescência e à vida adulta (Ferriolli, Marturano, & Puntel, 2007).

Estudo realizado por Borsa e Nunes (2008) que avaliou a concordância entre respostas de pais e mães relacionadas aos problemas de comportamento utilizando o CBCL 6-18, com 146 casais com filhos de seis a dez anos da cidade em Porto Alegre, constatou que pais e mães quando solicitados a falarem sobre os problemas de comportamento de seus filhos, tendem a ter um nível de concordância baixo e moderado. Mostram assim, que, mesmo pessoas contato próximo à criança podem proporcionar informações discordantes sobre o comportamento da criança. Tais divergências acarretam implicações também na forma como os pais lidam com os problemas. Referem que fatores como relação conjugal, características subjetivas, aspectos culturais e sociais podem ser fatores que estejam relacionados a essas diferenças de percepção.

A importância do suporte dos pais para o desenvolvimento e problemas de comportamento de crianças hospitalizadas bem como o uso de estratégias de enfrentamento frente a essa situação foi examinada por Moraes e Enumo (2008). Os resultados mostraram que essas crianças precisavam de algum suporte ou acompanhamento que as ajudasse a lidar com as situações que geram estresse por conta da hospitalização. Refere a importância dos subsídios para trabalhar com criança, prevenindo possíveis danos emocionais e comportamentais, decorrentes da hospitalização.

Outro estudo (Alvarenga & Piccinini, 2001) investigou as diferenças entre as práticas educativas utilizadas por mães de crianças com e sem problemas de

comportamento externalizantes. Os autores verificaram que as mães do grupo clínico referiram o uso mais freqüente de práticas coercitivas do que as mães do grupo não-clínico, tanto em situações hipotéticas estruturadas e espontâneas de conflitos com a criança. Assim, salienta-se a importância da cultura como mediadora das práticas educativas sobre o comportamento infantil.

O estudo longitudinal realizado por Lyra, Assis, Njaine, Oliveira e Pires (2009), com crianças matriculadas nas escolas da Rede pública de uma cidade do interior do Rio de Janeiro, buscou avaliar a relação entre professores com sofrimento psíquico e crianças escolares com problemas de comportamento. Participaram 151 professores que avaliaram 372, alunos através do *Teacher's Report Form* (TRF) 6-18 anos. Os resultados apontaram percentuais mais elevados na percepção de problemas internalizantes nos alunos pelas professoras que apresentaram sofrimento psíquico. Os problemas mais observados pelas professoras em geral foram os problemas externalizantes (12,6%), atenção e ou hiperatividade (10,8%) e internalizantes (9,1%). Salientam os autores que os problemas de comportamento constituem um desafio para os professores em sala de aula, já que no estudo cerca de 10% dos alunos apresentaram comportamentos no nível clínico.

Considerando a literatura revisada, o objetivo desse trabalho foi examinar o nível de afetividade e conflito em famílias de baixa renda e sua relação com os problemas de comportamento em crianças pré-escolares, a partir da visão das mães e das professoras. Além disso, avaliaram-se possíveis diferenças na percepção de mães e de professoras em relação aos problemas de comportamento das crianças pré-escolares, identificando, também, possíveis discrepâncias nessa percepção, conforme o sexo da criança.

### 3.2 Método

#### 3.2.1 Delineamento

Este é um estudo quantitativo, transversal e com grupos de comparação.

#### 3.2.2 Participantes

Participaram dessa pesquisa 59 mães com filhos em idade pré-escolar, residentes na cidade de Erechim (RS), de nível socioeconômico baixo, cujas crianças tinham idades entre dois e cinco anos e frequentavam uma escola municipal da periferia da mesma cidade. Além disso, as professoras dessas crianças (dez) também participaram do estudo. A amostra foi escolhida por conveniência, e todos os participantes convidados aceitaram participar da pesquisa.

A Tabela 1 mostra as principais características dessas famílias:

TABELA I – Dados Sociodemográficos

<b>Dados Sociodemográficos</b>	<b>N (%)</b>
<b>Escolaridade do pai</b>	
Fundamental incompleto	44 (73,7%)
Fundamental completo	3 (4,9%)
Ensino médio incompleto	1 (1,6%)
Ensino médio completo	8 (14,8%)
Ensino superior incompleto	-
Ensino superior completo	-
Não consta	3 (4,9%)
<b>Escolaridade da mãe</b>	
Fundamental incompleto	44 (74,6%)

Fundamental completo	2 (3,3%)
Ensino médio incompleto	1 (1,6%)
Ensino médio completo	10 (16,9%)
Ensino superior incompleto	1 (1,6%)
Ensino superior completo	1 (1,6%)
<hr/>	
Estado civil do pai	
Casado	14 (23,5%)
Separado	4 (6,8%)
Vivem juntos	25 (41,8%)
Não consta	16 (27,9%)
<hr/>	
Estado civil da mãe	
Casada	13 (23%)
Separada	6(9,8%)
Vivem juntos	33 (55,7%)
Não consta	7 (11,5%)
<hr/>	
Profissão do pai	
Trabalho informal	10 (17,2%)
Autônomos	22 (37,7%)
Funcionário público	2 (3,3%)
Funcionário da iniciativa privada	23 (39,5%)
Aposentado	1 (1,6%)
Não consta	1 (1,6%)
<hr/>	
Profissão da mãe	
<hr/>	



Trabalho informal	10 (18,5%)
Funcionário público	1 (1,6%)
Funcionário da iniciativa privada	25 (42,4%)
Aposentado	1 (1,6%)
Do lar	22 (37,3%)
<hr/>	
Com quem vivem	
Com pai e mãe	31 (52,5%)
Só com a mãe	2 (3,3%)
Com mãe e padrasto	14 (24,6%)
Com mãe e avôs	4 (6,6%)
Pai e madrasta	1 (1,6%)
Não consta	7 (11,5%)
<hr/>	
Gênero das crianças	
Masculino	29 (49,2%)
Feminino	30 (50,8%)
<hr/>	
Idade das crianças	4,15 (1,06)
<hr/>	
Idade da mãe	31,05 (6,85)
<hr/>	
Número de filhos	1,97 (1,17)
<hr/>	
Habitantes por domicílio	4,27 (1,57)
<hr/>	

Do total de mães 74,6% possui o fundamental incompleto, 3,3% o fundamental completo. Em relação a profissão 37,3% são donas de casa, 42,4% são funcionárias da iniciativa privada exercendo atividades como higienistas, cozinheiras, domésticas, serviços

gerais dentre outros; 18,5% executam trabalhos informais como coletoras de lixo, “carrinheiras”, camelôs, faxineiras. No caso dos pais 76,8% possuem o fundamental incompleto, 4,9% o fundamental completo e 14,8% o ensino médio completo. A profissão exercida por eles 54,9% trabalho informal (catador de erva mate, pintor, encanador, catador de lixo, dentre outras, camelô), 37,7% na iniciativa privada como mecânico, vigilante, padeiro, construção civil, gari, chapeador).

### 3.2.3 Instrumentos

Fichas de matrícula da Escola: Para avaliar as informações relativas aos dados biossociodemográficos das famílias, foram utilizadas as fichas de matrícula da Escola. Esse documento continha dados referentes ao tipo de família, número de filhos, condições sócio-econômicas e especificidades do desenvolvimento do aluno (condições de saúde, desenvolvimento, relacionamento). Para avaliar o nível educacional, prestígio ocupacional e nível socioeconômico as escalas adaptadas de Hollingshead (1975), cujo sua validade no Brasil foi estabelecida por estudos realizados por Ribas, Seidl de Moura, Gomes, Soares & Bornstein, 2003; Prado, 2005. O nível educacional levou em conta o número de anos de escolarização formal, codificado em uma escala de 7 níveis (1, primeiro grau incompleto; a 7, pós-graduação). O prestígio ocupacional é baseado em uma lista de aproximadamente 450 atividades profissionais do Brasil e tabulada em uma escala de 9 níveis. Empregos não qualificados como empregadas domésticas, por exemplo recebem a menor pontuação 1, profissionais liberais e executivos a pontuação na escala é 9.

Utilizou-se o *Hollingshead Four Factor Index of Status Socioeconomic* (HI, Índice Quadrifatorial de Status Socioeconômico, Hollingshead, 1975), é o cálculo, para cada indivíduo, onde somam-se o nível educacional multiplicado por 3 com o nível de prestígio

multiplicado por 5. Produzindo um escore que pode variar de 8 a 66. Para famílias nucleares, com apenas um cônjuge empregado, o HI é calculado com base nele. No caso de ambos exercerem atividade remunerada o status da família é dado pela média entre os escores de cada um.

Familiograma: Teodoro (2006) visou a investigar o relacionamento entre as díades (filho, pai e mãe) através de adjetivos que representam duas dimensões do sistema familiar: a afetividade e o conflito. A afetividade define-se por uma série de emoções positivas existentes no relacionamento interpessoal como: amável, afetivo, amoroso, carinhoso, alegre, feliz, atencioso, animado, agradável. O conflito é caracterizado por emoções negativas que podem ser fonte geradora de estresse e agressividade, dentro das famílias como: distante, nervoso, agressivo, estressante e tenso. O instrumento demonstrou ter boa consistência interna (*alpha* de Cronbach variando de 0,87 a 0,97), e vem sendo utilizado em famílias com características distintas. Essa lista consta de 14 adjetivos. O Familiograma pode ser utilizado nas diversas configurações familiares, como também em relacionamentos em famílias clínicas e não clínicas. Nesse estudo o instrumento foi aplicado às díades mãe-filho e mãe-pai, e obtiveram-se índices *alpha* de 0,95, para afetividade, e 0,87 para o fator conflito, para a díade mãe-filho, e para a díade mãe-pai, 0,97 para o fator afetividade, e 0,91 para o fator conflito.

Tabela 1: Classificação de Tipos de Família de acordo com os Construtos Afetividade e Conflito do Familiograma.

Tipo I	Tipo II
Alta afetividade	Alta afetividade
Baixo conflito	Alto conflito

Tipo III	Tipo IV
Baixa afetividade	Baixa afetividade
Baixo conflito	Alto conflito

*Child Behavior Checklist (CBCL) – 1,1/2 – 5 anos – e Teacher’s Report Form (TRF)*: Foram utilizadas duas versões do *checklists* de problemas comportamentais de Achenbach (1991), voltadas para pais e professores, na versão brasileira realizada por Bordin, Mari e Caiero (1995). Os resultados foram muito semelhantes aos norte-americanos. O *Child Behavior Checklist (CBCL)*, foi o instrumento preenchido pelas mães, enquanto o *Teacher’s Report Form (TRF)* pelas professoras. Esses instrumentos foram desenvolvidos com uma lista de 100 afirmações sobre o comportamento da criança, distribuídas em duas colunas e seguidas por uma escala preenchida pelo entrevistado. A escala correspondia à quantidade de vezes que cada afirmação do questionário se aplicava à aquela criança que estava sendo analisada. Os valores da escala eram 0 (nunca), 1 (as vezes) e 2 (sempre). Estas listas de afirmações foram agrupadas em oito síndromes, através de uma análise fatorial (Achenbach, 1991): isolamento social; queixas somáticas; ansiedade-depressão; problemas sociais; problemas do pensamento; problema de atenção; comportamento agressivo; problemas de sono e outros problemas. Tais síndromes receberam uma análise fatorial de segunda ordem que resultou em agrupamentos que foram designados de: 1) Distúrbio Internalizante (DI) - comportamentos considerados problemáticos, mas que não interferem no ambiente, restringindo-se ao âmbito privado da criança; e 2) Distúrbio Externalizante (DE) - refere-se a comportamentos problemáticos que exercem interferência diretamente no ambiente. De acordo com a versão brasileira (Bordin,

Mari, & Caeiro, 1995) crianças cujos escores nos CBCL, preenchidos pelos pais, foram iguais ou acima de 60, foram consideradas como pertencentes à faixa clínica.

#### *3.2.4 Procedimentos de Pesquisa e Éticos*

Inicialmente, buscou-se, junto à Secretaria Municipal de Educação da cidade de Erechim (RS) a autorização para o acesso às escolas para fazer a coleta de dados. A Escola já havia sido contatada anteriormente, em função do levantamento feito por Rohenkohl (2007), sobre as condições socioeconômicas e familiares dos participantes. Para o presente estudo, a pesquisadora entrou em contato com uma escola municipal a fim de apresentar o Projeto e verificar o interesse da Instituição em colaborar. A coleta de dados com as mães e ocorreu nas dependências da Escola, em duas ocasiões: a primeira, em julho, e a segunda, em agosto de 2008, após a entrega dos pareceres das crianças as mães, ocasião em que foram convidados a participarem da pesquisa. As mães que optaram em participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responderam o instrumento com o auxílio na leitura das afirmativas. Nesse mesmo mês, foram aplicados os instrumentos as professoras das crianças, dos quais as mães haviam participado. Como, no primeiro encontro, muitas mães não compareceram para retirar o parecer de seu filho, por estar chovendo muito, no dia, a Escola convidou-os em outro momento para que o fizessem, onde a pesquisadora realizou a segunda coleta de dados.

O trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, de acordo com a Resolução nº. 016/2000, que dispõe sobre a pesquisa, em Psicologia, com seres humanos. Os participantes receberam explicações sobre todos os procedimentos da pesquisa, assim como a respeito da manutenção sigilosa da sua identidade. Também foram informados de que não haveria

riscos ou danos para os mesmos. Ao aceitarem participar do estudo, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

### 3.2.5 Análise dos Dados

As informações foram tabuladas e analisadas em um banco de dados do programa SPSS 17.0, para facilitar a avaliação das propriedades psicométricas (confiabilidade e validade convergente) de cada questionário, previamente à realização das análises principais do estudo, conforme objetivos propostos. Inicialmente, realizou-se uma análise descritiva (médias, DP, porcentagens) dos resultados em geral. Para a estatística inferencial, previamente se comprovaram os critérios de supostos paramétricos (tipo de variável, tamanho da amostra, normalidade) para a eleição dos estatísticos apropriados. Para analisar as associações entre variáveis, realizaram-se correlações de Pearson entre as variáveis, comparação de médias, T de Student pareado e independente.

### 3.3 Resultados

Inicialmente, realizaram-se análises descritivas dos resultados do CBCL, do TRF e do Familiograma. A Tabela II apresenta as médias, medianas, quartis e valores, mínimo e máximo, dos resultados desses instrumentos.

TABELA 2 - Resultados Descritivos do Familiograma (FG) (n=58), do *Child Behavior Checklist (CBCL)* (n=59) e *Teacher's Reports Form (TRF)* (n=59)

Instrumento	Fator	Média(DP)	Mediana	1º Quartil	3º Quartil	Min/Max
CBCL	CBCL total	49.92 (18.24)	48.00	38.00	48.00	16-92
	CBCL	15.20	14.00	9.00	14.00	2-32

	internalizante	(7.78)				
	CBCL	17.93	17.00	13.00	17.00	2-37
	externalizante	(7.55)				
	TRF total	43.23 (25.34)	41.00	24.00	56.00	0-106
TRF	TRF	13.49	12.00	5.50	18.50	0-42
	internalizante	(9.85)				
	TRF	15.52	13.00	4.50	25.00	0-41
	externalizante	(12.78)				
FG	Mãe-Pai	47.36 (5.28)	46.00	44.00	52.50	33 – 55
Afetividade	Mãe-Filho	41.25 (9.37)	43.50	37.00	47.00	18 – 55
FG	Mãe-Pai	20.87 (8.57)	19.00	13.25	26.00	11 – 41
Conflito	Mãe-Filho	16.92 (6.71)	15.00	12.00	18.00	11 – 43

A Tabela 3 mostra as porcentagens relativas aos níveis normais, limítrofes e clínicos do CBCL e do TRF, e os níveis de conflito e afetividade nas famílias de acordo com o Familiograma. No CBCL e no TRF o ponto de corte para que uma criança fosse considerada limítrofe dizia respeito ao percentil 75, e para o grupo clínico foi utilizado o percentil 90. Esse critério foi o mesmo usado no estudo de Melo e Silveiras (2003). Para o

Familiograma, os pontos de corte para alta e baixa afetividade e conflito usaram a mediana, conforme o estudo de Baptista et al. (2009).

TABELA 3 - Porcentagem do CBCL, TRF e Familiograma

		%	
<b>Familiograma</b>	Díade mãe-pai	Alta afetividade mãe-pai	26,2
		Baixa afetividade mãe-pai	72,1
		Alto conflito mãe-pai	45,9
		Baixo conflito mãe-pai	52,5
	Díade mãe-filho	Alta afetividade mãe-filho	83,6
		Baixa afetividade mãe-filho	16,4
		Alto conflito mãe-filho	44,3
		Baixo conflito mãe-filho	55,7
<b>CBCL</b>	CBCL total	Normal	73,8
		Limítrofe	14,8
		Clínico	11,5
	CBCL internalizante	Normal	72,1
		Limítrofe	16,4
		Clínico	11,5
	CBCL externalizante	Normal	73,8
		Limítrofe	14,8
		Clínico	11,5
<b>TRF</b>	TRF total	Normal	73,8
		Limítrofe	14,8
		Clínico	11,5
	TRF internalizante	Normal	75,4
		Limítrofe	14,8
		Clínico	9,8



TRF externalizante	Normal	73,8
	Limítrofe	14,8
	Clínico	11,5

Observa-se que os resultados apontam um percentual elevado (72,1%) de baixa afetividade e de alto conflito (45,9%) na díade mãe e pai. O CBCL assim como o TRF total apontam que a maior parte das crianças se encontram nos padrões considerados normais, mas chama a atenção o alto índice de casos limítrofes (14,8%) e clínicos (11,5%).

Ao avaliar os tipos de família encontrados a partir do Familiograma, observou-se que a maioria das famílias são do tipo I, com alta afetividade e baixo conflito (52,5%); 31,1% das famílias são do tipo II, apresentando alta afetividade e alto conflito; 3,3% são do tipo III, demonstrando baixa afetividade e baixo conflito, e 13,1% são do tipo IV, com baixa afetividade e alto conflito. As famílias do tipo I decidiu-se chamar de afetivas; as do tipo II, intensas; as do tipo III, inconsistentes; e as do tipo IV, conflitivas.

A seguir, utilizou-se o teste T pareado, para verificar possíveis diferenças nas percepções de mães e professoras com respeito aos comportamentos infantis, medidos pelo CBCL, e para medir possíveis discrepâncias entre as díades mãe-filho e mãe-pai e ou companheiro na afetividade e conflito familiar, medidos através do Familiograma. Observa-se na Tabela 4 que as mães e pais perceberam as crianças como mais problemáticas do que as professoras na escala de problemas total ( $t=2,045$ ,  $p<0,05$ ) e nas subescalas queixas somáticas ( $t= 3,132$ ,  $p<0,001$ ) e ansiedade e depressão ( $t= 4,202$ ,  $p<0,001$ ). Em relação ao Familiograma, os resultados mostraram que a díade pai-mãe demonstrou maior conflito ( $t=$

3,562,  $p < 0,001$ ) que a díade mãe-filho, e a díade mãe-filho demonstrou maiores níveis de afetividade de maneira significativa ( $t = -5,075$ ,  $p < 0,000$ )

TABELA 4 - Teste T pareado para avaliar CBCL mãe (n= 59) X TRF professora (n=59) e  
famiogramas (n=58)

	<b>Média (DP)</b>	<b>Teste t pareado</b>	<b>p&lt;</b>
<b>CBCL/TRF total</b>			
<b>Mãe</b>	49,92 (18,23)	2,045	0,05
<b>Professora</b>	43,23 (25,34)		
<b>CBCL/TRF internalizante</b>			
<b>Mãe</b>	15,20 (7,77)	1,219	n.s.
<b>Professora</b>	13,49 (9,84)		
<b>CBCL/TRF externalizante</b>			
<b>Mãe</b>	17,93 (7,55)	1,406	n.s.
<b>Professora</b>	15,52 (12,78)		
<b>Isolamento social</b>			
<b>Mãe</b>	2,49 (2,33)	-1,796	n.s.
<b>Professora</b>	3,36 (3,33)		
<b>Queixas somáticas</b>			
<b>Mãe</b>	2,57 (1,94)	3,132	0,01
<b>Professora</b>	1,51 (1,83)		
<b>Ansiedade e depressão</b>			
<b>Mãe</b>	6,31 (3,07)	4,202	0,001

<b>Professora</b>	4,38 (3,45)		
<b>Reações emocionais</b>			
<b>Mãe</b>	3,82 (2,99)	-,782	n.s.
<b>Professora</b>	4,25 (3,39)		
<b>Problemas de sono</b>			
<b>Mãe</b>	3,30 (2,32)	,161	n.s.
<b>Professora</b>	3,21 (3,20)		
<b>Comportamento agressivo</b>			
<b>Mãe</b>	14,64 (6,76)	1,645	n.s.
<b>Professora</b>	12,31 (10,17)		
<b>Outros problemas</b>			
<b>Mãe</b>	13,34 (5,73)	2,663	n.s.
<b>Professora</b>	10,77 (8,06)		
<b>Conflito</b>			
<b>Mãe-pai</b>	20,87 (8,57)	3,582	0,001
<b>Mãe-filho(a)</b>	16,92 (6,77)		
<b>Afetividade</b>			
<b>Mãe-pai</b>	41,25 (9,36)	-5,075	0,001
<b>Mãe-filho</b>	47,35 (5,32)		

Ao realizar a comparação os resultados do CBCL e do TRF em relação ao conflito e afetividade das díades mãe e pai e mãe e filho (amostra separada pela mediana), observou-se que, nas famílias com alto conflito mãe-pai, as crianças apresentaram mais problemas

emocionais/comportamentais total ( $t = -4,202$ ,  $p < 0,001$ ) que as famílias com baixo conflito. Da mesma forma, nas famílias com alto conflito mãe-pai e baixa afetividade mãe-filho, as crianças tiveram maiores escores em problema de internalização ( $t = -3,761$ ,  $p < 0,001$ ;  $t = 2,056$ ,  $p < 0,05$ , respectivamente). Por outro lado, nas famílias com conflito mãe-pai alto e conflito mãe-filho alto, as crianças manifestaram mais problemas externalizantes ( $t = -3,014$ ,  $p < 0,01$ ;  $t = -2,097$ ,  $p < 0,05$ ). A fim de se examinar a existência de possíveis diferenças de gênero em afetividade e conflito e em problemas de comportamento entre as díades mãe-filha e mãe-filho, através do teste T independente, os resultados mostraram que as meninas apresentavam maior índice de queixas somáticas ( $t = -2,744$ ;  $p < 0,01$ ) que os meninos.

A análise de correlação de Pearson mostrou que os níveis de conflito das díades mãe-pai correlacionaram-se de maneira significativa com as dimensões internalizante ( $r = 0,338$ ,  $p < 0,01$ ) e externalizante ( $r = 0,455$ ;  $p < 0,001$ ) e com a pontuação total do CBCL ( $r = 0,457$ ;  $p < 0,001$ ). Ainda, os níveis de conflito das díades mãe-filho tiveram correlação com as dimensões internalizante ( $r = 0,266$ ,  $p < 0,05$ ), externalizante ( $r = 0,286$ ,  $p < 0,05$ ) e total ( $r = 0,341$ ,  $p < 0,01$ ). Com relação à afetividade mãe-pai, obteve-se correlações negativas e significativas com o CBCL total ( $r = -0,294$ ,  $p < 0,05$ ) e com a dimensão externalizante ( $r = -0,316$ ,  $p < 0,05$ ), enquanto nas díades mãe-filho a única correlação significativa e negativa foi com a dimensão internalizante ( $r = -0,330$ ,  $p < 0,01$ ). De forma geral, quanto maior a afetividade e menor o conflito nessas famílias, seja nas díades mãe-filho ou mãe-pai/companheiro, menores os problemas de comportamento das crianças. Por último, observa-se correlação significativa entre afetividade mãe-pai/companheiro ( $r = -0,782$ ,  $p < 0,000$ ) e mãe-filho ( $r = 0,281$ ,  $p < 0,05$ , e conflito mãe-pai/companheiro e mãe-filho ( $r = 0,344$ ,  $p < 0,000$ ).

### *3.4 Discussão*

O objetivo principal dessa pesquisa foi examinar o nível de afetividade e conflito em famílias de baixa renda e sua relação com os problemas de comportamento de crianças pré-escolares, a partir da visão das mães e das professoras. Dessa forma, buscou-se verificar se existiam diferenças, na percepção de mães e de professoras, em relação aos problemas de comportamento das crianças pré-escolares, identificando, também, possíveis discrepâncias nessa percepção conforme o gênero da criança.

Os resultados relativos aos problemas de comportamento mostraram que as mães percebem mais esses problemas que as professoras. Esse fato pode ocorrer porque a convivência da mãe com os filhos se dá dentro de um grupo menor que na escola, o que permite perceber nuances do comportamento melhor que as professoras. Há indícios de que as crianças diferenciam o ambiente escolar do ambiente de casa, podendo ser mais contidas e cooperativas na escola (D'Avila-Bacarji 2005, Pacheco e Sisto, 2005). Pode-se pensar em formas de instrumentalizar os professores para poderem perceber e entender melhor os problemas de comportamento, já que as crianças permanecem a maior parte do seu dia na escola. Se identificados e trabalhados precocemente, muitos desses problemas poderiam ser amenizados.

Através dos resultados dessa pesquisa, pode-se afirmar que não existe diferença de sexo das crianças pré-escolares quanto à percepção das mães sobre possíveis problemas de comportamento bem como no nível de afetividade e conflito de suas famílias. Entretanto, percebeu-se maior relato de manifestação de queixas somáticas nas mães de meninas, o que coincide com a literatura existente (De Moura, Marinho-Casanova, Meurer e Campana, 2008, Villwock, Coelho, Predebon, Mansur, Hoppe, Fronckowiak e Devit,

2007) que refere que os meninos apresentam mais comportamentos externalizantes. Isso ocorre, talvez, pelo fato de que, culturalmente, os meninos manifestam mais comportamentos agressivos e de raiva (Cole, Zahn-Waxler, & Smith, 1994). É possível supor também que isso aconteça devido a uma maior visibilidade e contato com o ambiente dos meninos, o que faz com que se percebam mais os comportamentos externalizantes na escola. Por outro lado, existe também uma expectativa, referente às meninas, de que elas sejam quietas e comportadas, o que pode levar a uma internalização de suas dificuldades, o que também é considerado um problema de comportamento. Os problemas internalizantes podem dificultar seu desenvolvimento social, reduzindo as oportunidades de interação com seus pares (LaFreniere & Dumas, 1996). Nesse sentido, é fundamental considerar os contrastes entre o ambiente escolar e familiar, e as diferenças de condições em que a mãe e as professoras fazem sua avaliação.

Os dados revelaram a importância do grau de afetividade e conflito entre os cônjuges e sua relação com os problemas de desenvolvimento infantil, independentemente da configuração familiar. A família continua tendo papel fundamental no desenvolvimento de seus membros, e ambientes conflitivos desfavorecem o desenvolvimento da criança (Ferriolli, Marturano, & Puntel, 2007; Keow & Woodward, 2002; Silveira & Wagner, 2006). Investir em programas que possibilitem instrumentalizar os pais para lidarem de forma mais adequada com sua família e com seus filhos poderia reduzir o grau de conflito e, conseqüentemente, auxiliar no desenvolvimento saudável das crianças.

Diferentes autores analisaram a importância do suporte dos pais em relação ao desenvolvimento dos filhos, e referem que o desempenho em relação ao seu papel e ajuste social está relacionado tanto com as interações entre pais e filhos (Aunola, Stattin, & Nurmi, 2000; Jones, Abbey, & Cumberland, 1998) como também o desempenho escolar

(Chen, Liu, & Li, 2000; Connell & Prinz, 2002). A responsabilidade dos pais está associada à capacidade da criança de se ajustar ao ambiente em que vive como o desempenho social e intelectual (Alvarenga & Piccinini, 2001; Pacheco, Teixeira, & Gomes, 1999).

É um grande desafio pesquisar famílias de nível socioeconômico baixo, já que a sua realidade é diferente da família de classe média devido aos muitos outros fatores psicossociais incluídos, mas também é uma grande necessidade já que contempla a maior parte da população brasileira. Para programar ações que possam prevenir ou promover saúde junto às famílias, conhecer sua realidade é imprescindível. As crianças e adolescentes de condições socioeconômicas mais baixas são os que mais necessitariam políticas educacionais voltadas para a promoção do seu bem estar, promovendo mudanças estruturais que reduzam fatores de risco ao desenvolvimento (Del Prette & Del Prette, 2005). Promover ações que integrem família e escola, associando intervenções que visem à superação de dificuldades interpessoais e problemas associados, como a violência, podem ser bastante úteis (Del Prette & Del Prette, 2003, 2006).

O nível socioeconômico e o contexto têm implicações na formação dessas famílias. Quando se pensa em famílias de baixa renda, deve-se levar em consideração a sua condição de vida, pois esta se reflete nos padrões de interação que estabelecem seus membros. As crenças e valores dos pais constituem o ponto de contato com a cultura social e pessoal, influenciando as suas práticas educativas com os filhos (Szelbracikowski & Dessen, 2007). A forma como os pais educam seus filhos vai se refletir nas suas relações posteriores. É fundamental para uma melhor compreensão dessa complexidade que se busquem subsídios em outras áreas como Educação, Saúde, Sociologia, Antropologia.

Dentre as possíveis limitações desse estudo, uma delas se refere à fonte de dados dos participantes. Os dados foram coletados desde a perspectiva materna e da professora, o

que faz pensar que a realidade, vista sob outras perspectivas (do pai e das crianças) possa ser diferente. No entanto, obter informações de crianças pequenas é uma tarefa complexa, tendo em vista o pouco desenvolvimento cognitivo para responder a tais questões. Grande parte dos estudos, com famílias com crianças pequenas também obteve informações apenas de adultos e, na maior parte, das mães, como em Bolsoni-Silva et al. (2006), Moura, Marinho-Casanova, Meurer e Campana (2008), Pesce (2009), dentre outros. Outra limitação é o número reduzido de participantes, uma vez que não foi possível fazer comparações sobre os problemas de comportamento infantis a partir dos quatro tipos de famílias descritas no familiograma já que um reduzido número de famílias encaixou-se nos tipos III e IV.

Ao término desse estudo, surgem novas ideias de investigação e de continuidade dentro dessa temática. Pesquisas qualitativas sobre as relações que se estabelecem nessas famílias podem ser úteis para compreender a construção do vínculo da criança com seus pais. Além disso, estudos que investiguem sobre a percepção das crianças em relação aos pais e ao funcionamento familiar e como percebem a família extensa poderiam trazer dados reveladores. A participação da comunidade e da escola na educação e criação das crianças de famílias de baixa renda pode ser uma outra vertente de investigação útil para entender a relação família-escola.

A dificuldade em se falar sobre família se deve à sua diversidade de formas de relacionamento e funcionamento. É consenso, na literatura, a importância da família como primeiro meio de socialização da criança e, a partir disso, torna-se imprescindível estudar como esse processo de socialização nela se constrói. Percebe-se uma escassez de estudos referentes às famílias de nível socioeconômico baixo, em especial a brasileira, talvez pela diversidade de fatores que permeiam tais relações, por muitos não se sentirem em



condições de explorar mais esse nível socioeconômico, já que se têm dados comparativos mais direcionados ao nível socioeconômico médio.

Para compreendermos as famílias de nível socioeconômico baixo, é necessário desconstruir alguns conceitos, principalmente o da família nuclear importada da classe média, entender o que se considera por família, seu funcionamento, o papel da mãe como figura principal, tanto no que se refere à manutenção da casa quanto à criação dos filhos (Amazonas et al., 2003; Braz, Dessen e Silva, 2005). A participação de outros familiares na criação dos filhos e da vizinhança se torna necessária. Deve-se destacar uma peculiaridade importante que é poder contar com a rede de apoio gratuita que é muito efetiva (Poletto e Koller, 2002; Poletto, Wagner e Koller, 2004).

Apesar de poucos trabalhos da Psicologia se dedicar ao estudo sobre o tema, a contribuição dos resultados aponta claramente a necessidade e importância de se investigar a área, tanto para a prática profissional como para o desenvolvimento de políticas públicas da infância. Os resultados dessa pesquisa trouxeram importantes informações para se compreender o funcionamento dessas famílias. Através desse estudo, pôde-se examinar que o conflito e afetividade de famílias de renda baixa têm relação com o desenvolvimento infantil, especialmente no surgimento de problemas de comportamento, abrindo possibilidades para pesquisas futuras. Além disso, as mudanças decorrentes do casamento, e como elas ocorrem nas famílias de baixa renda, instigam um estudo mais detalhado, pelas suas peculiaridades. Seus resultados sugerem um preparo maior dos professores que atendem a esse nível social, uma melhor instrumentalização dos pais sobre como lidar com as dificuldades familiares e com seus filhos pequenos.

## 5. Referências

Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the Child Behavior Checklist/4-18 and 1991 profile*. Burlington, VT: University of Vermont, Department of Psychiatry.

Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the Teacher's Report Form and 1991 profile*. Burlington, VT: University of Vermont, Department of Psychiatry.

Ackerman, B. P., D'Eramo, K. S., Umylny, L., Schultz, D., & Izard, C. E. (2001). Family structure and the externalizing behavior of children from economically disadvantaged families. *Journal of Family Psychology, 15*(2), 288-300.

Alvarenga, P., & Piccinini, C. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 14*(3), 449-460.

Amazonas, M. C. L. A., Damasceno, P. R., Terto, L. M. S., & Silva, R. R. (2003). Arranjos familiares de crianças de camadas populares. *Psicologia em Estudo, 8*(Especial), 11-20.

Andolfi, M. (2002). *A crise do casal. Uma perspectiva sistêmico-relacional*. Porto Alegre: Artmed.

Andolfi, M., & Angelo, C. (1989). *Tempo e mito em terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Araújo, D. S., & Andrade, V. A. (2001). O perfil da criança de 0 a 6 anos: quem cuida e quem educa na primeira infância. Em S., Gomes & I. Rizzini (Coord.). *Desenhos de Família*. Goiânia: Cênone Editorial.

Aunola, K., Stattin, H., & Nurmi, J. (2000). Parenting styles and adolescents' achievement strategies. *Journal of Adolescence, 23*, 205-222.

Baptista, M. N., & Oliveira, A. A. (2004). Sintomatologia de depressão e suporte familiar em adolescentes: Um estudo de correlação. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 14, 58-67.

Baptista, M. N., Teodoro, M. L. M., Cunha, R. V., Santana, P. R., & Carneiro, A. M. (2009). Evidência de validade entre o inventário de percepção de suporte familiar – IPSF e Familiograma – FG. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2).

Bem, L. A., & Wagner, A. (2006). Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico. *Psicologia em Estudo*, 1(11), 63-71.

Benetti, S. P. C. (2006). Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 261-268.

Bernstein, A. C. (1999). Reconstructing the brothers Grimm: new tales for stepfamily life. *Family Process*, 38(4), 415-429.

Bernstein, A. C. (2002). Recasamento: redesenhando o casamento. Em P. Silveira (Org.). *Casais em perigo: novas diretrizes para os terapeutas* (pp. 295-322). Porto Alegre: Artmed.

Bilac, E. D. (1995). Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil: notas muito preliminares. Em I. Ribeiro & A. C. Ribeiro (Orgs.). *Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira* (pp. 43-61). São Paulo: Edições Loyolas.

Bolsoni-Silva, A. T., Marturano, E. M., & Manfrinato, J. W. de S. (2005). Mães avaliam comportamentos socialmente “desejados” e “indesejados” de pré-escolares. *Psicologia em Estudo*, 10(2), 245-252.

Bolsoni-Silva, A. T., Marturano, E. M., Pereira, V. A., & Manfrinato, J. W. S. (2006). Habilidades sociais e problemas de comportamento de pré-escolares: comparando avaliações de mães e de professoras. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 460-469.

Bordin, I. A. S., Mari, J. J., & Caeiro, M. F. (1995). Validação da versão brasileira do "Child Behavior Checklist" – CBCL (Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência): Dados preliminares. *ABP-APAL*, 17(2), 55-66.

Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2008). Concordância parental ao CBCL. *Paidéia*, 18(40), 317-330.

Bray, J. H., & Berger, H. (1993). Developmental issues in stepfamilies research project. Family relationships and parent-child interactions. *Journal of Family Psychology*, 7, 76-90.

Braz, M. P. (2002). *As relações conjugais e parentais de famílias com crianças pré-escolares: uma comparação do relato de pais e mães de classes sociais baixa e média*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília/Distrito Federal, Brasil.

Braz, M. P., Dessen, M. A., Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 151-161.

Brun, G. (1999). *Recasamento e Linguagem* (16). Rio de Janeiro: Cadernos IPUB-Instituto de Psiquiatria da UFRJ.

Burdon, B. (1998). Envolvendo os homens na vida familiar: se eles podem fazê-lo, por que não o fazem? Em P. Silveira (Org). *Exercício da paternidade* (pp. 81-90). Porto Alegre: Artes Médicas.

Carter & McGoldrick, (1999). *The expanded family life cycle: individual, family and social perspectives*. Boston: Allyn & Bacon

Carter, B., & McGoldrick, M (2001). *As mudanças no ciclo de vida da família: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.

Carvalho, I. M. M., & Almeida, P. H. (2003). Família e proteção social. *Perspectiva*, 17(2), 109-122.

Carvalho, M. C. B. (1995). A priorização da família na agenda da política social. Em M. C. B. Carvalho (Ed.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC.

Carvalho, M. C. B. (Org.). (2002). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Cortez.

Cervený, C. M. de O. (1997). Ciclo vital. Em C. M. de O. Cervený & C. M. E. Berthoud (Orgs). *Família e ciclo vital, nossa realidade em pesquisa* (pp. 21-30). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Chen, X., Liu, M., & Li, D. (2000). Parental warmth, control, and indulgence and their relations to adjustment in chinese children: a longitudinal study. *Journal of Family Psychology*, 14(3), 401-419.

Cole, P. M., Zahn-Waxler, C., & Smith, K. D. (1994). Expressive control during a disappointment: variations related to preschoolers' behavior problems. *Developmental Psychology*, 30, 835-846.

Coleman, M., Ganong, L., & Fine, M. (2000). Reinvestigating remarriage: another decade of progress. *Journal of Marriage and the Family*, 62(4), 1289-1307.

Comim, F., & Bagolin, I. (2002). Aspectos qualitativos da pobreza no Rio Grande do Sul. *Ensaio FEE*, 23(Especial), 467-490.

Connell, C. M., & Prinz, R. J. (2002). The impact of childcare and parent-child interactions on school readiness and social skills development for low-income African American children. *Journal of School Psychology*, 40(2), 177-193.

Cossio, F. A. B. (2001). Efeitos das despesas públicas dos estados sobre os indicadores socioeconômicos estaduais. Em *Anais do XXIX Encontro Nacional de Economia*, Salvador - Bahia.

Cummings, E. M. (1995). Security, emotionality, and parental depression: a commentary. *Developmental Psychology*, 31, 425-427.

Dantas, C., Jablonski, B., & Feres-Carneiro, T. (2004). Cadernos de Psicologia e Educação. *Paidéia*, 14(29), p. 347-357.

D'Avila-Bacarji, Marturano e Elias. Recursos e adversidades no ambiente familiar de crianças com desempenho escolar pobre. *Paidéia*, 2005, 15(30), 43-55.

De Antoni, C., & Koller, S. H. (2000). Vulnerabilidade e resiliência familiar: um estudo com adolescentes que sofreram maus-tratos intrafamiliares. *Psico*, 31(1), 39-66.

Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2003). Aprendizagem socioemocional na infância e prevenção da violência: questões conceituais e metodologia da intervenção. Em A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção* (pp. 83-127). Campinas: Alínea.

Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Petrópolis: Vozes.

Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2006). Treinamento de habilidades sociais na escola: o método vivencial e a participação do professor. Em M. Bandeira, A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.). *Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal* (pp. 143-160). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Dessen, M. A., & Pereira-Silva, N. L. (2004). A família e os programas de intervenção: tendências atuais. Em E. G. Mendes, M. A. Almeida & L. C. A. Williams

(Orgs.). *Temas em educação especial: avanços recentes* (pp. 179-187). São Carlos: EDUFSCAR.

Dessen, M. A., & Polonia, A. C. (2007). Família e escola. *Paidéia*, 17(36), 21-32.

Duarte, L. F. D. (1994). Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família. Em I. Ribeiro, (Org.). *Família e sociedade brasileira: desafios nos processos contemporâneos* (pp. 23-41). Rio de Janeiro: Fundação João XXIII.

Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118, 108-132.

Feres-Carneiro, T. (2001). Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. Em T. Feres-Carneiro (Org.). *Casamento e família: do social à clínica* (pp. 67-80). Rio de Janeiro: Nau Editora.

Ferriolli, S. H. T., Marturano, E. M., & Puntel, L. P. (2007). Contexto Familiar e problemas de saúde mental infantil no Programa de Saúde da Família. *Revista Saúde Pública*, 41(2), 251-259.

Fonseca, C. (2005). Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. *Saúde e Sociedade*, 14(2), 50-59.

Fulmer, R. H. (1995). Famílias de baixa renda e famílias com formação profissional: uma comparação da estrutura e do processo de ciclo de vida. Em B. Carter & M. McGoldrick (Org.). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 468-495). Porto Alegre.

Garbarino, J., & Abramowitz, R. H. (1992). Sociocultural risk and opportunity. Em J. Garbarino (Org.). *Children and families in the social environment* (2nd ed.). New York: Aldine de Gruyter.

- Giddens, A. (2000) *O mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record
- Gomes, A. C., Araújo, A. S., Ferreira, A. F., Gouurlart, F. P., Lopes, I. F., Oliveira, L. D., et al. (2004). Fatores associados ao aprendizado de crianças de famílias reconstituídas. *Boletim de Iniciação Científica em Psicologia*, 5(1), 59-76.
- Gomide, P. I. C. (2004). Pais presentes, pais ausentes: regras e limites. Petrópolis: Vozes.
- Grzybowski, L. S. (2007). O envolvimento parental após a separação/divórcio. Tese de doutorado não-publicada, Faculdade de Psicologia, PUCRS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Guerrero, I. C. Z., Oliveira, A. L., & Souza, M. T. S. (1999). Famílias recasadas: uma análise da literatura psicológica. *Psicologia Revista*, 8, 77-96.
- Hetherington, E. M., Mavis, E., & Katherine, M. (1994). Stepfamilies as setting for child development. Em A. Booth, & J. Dunn (Org). *Stepfamilies: who benefits? Who does not?* England: Laurence Erlbaum Associates.
- Hetherington, E. M., & Bray, J. H. (1998). Families in transition: introduction and overview. *Journal of Family Psychology*, 7(1), 3-8.
- Hollingshead, A. B. (1975). Four factor index of social status. Department of Sociology, Yale University, unpublished working paper.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2007). Síntese dos indicadores sociais: uma análise da condição de vida da população brasileira. Recuperado em 17 novembro, 2008, de <http://www.ibge.gov.br>.



IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas do Registro Civil 2005. Anuário Estatístico Brasileiro. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: fevereiro de 2009.

Jablonski, B. (1998). *Até que a vida nos separe* (2ª ed. revista e aumentada). Rio de Janeiro: Agir.

Jablonski, B. (2001). Atitudes frente à crise do casamento. Em T. Féres-Carneiro (Org.). *Casamento e família: do social à clínica* (pp. 81-95). Rio de Janeiro: Nau Editora.

Jablonski, B. (2003). Afinal, o que quer o casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. Em T. Féres-Carneiro, (Org.). *Casamento e família: do social à clínica* (pp. 81-90). Rio de Janeiro: Nau Editora,

Jones, D. C., Abbey, B. B., & Cumberland, A. (1998). The development of display rule knowledge: linkages with family expressiveness and social competence. *Child Development, 69*(4), 1209-1222.

Kaloustian, S. M. (2002). *A família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez: Brasília, Distrito Federal: UNICEF.

Keown, L. J., & Woodward, L. J. (2002). Early parent-child relations and family functioning of preschool boys with pervasive hiperactivity. *Journal of Abnormal Child Psychology, 30*(6), 541-553.

Kim, J., Hetherington, E., & Reiss, D. (1999). Associations among family relationships, antisocial peers and adolescents' externalizing behaviors: gender and family type differences. *Child Development, 70*, 1209-1230.

Kreppner, K. (2000). The child and the family: interdependence in developmental pathways. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16*(1), 11-22.

LaFreniere, P. J., & Dumas, J. E. (1996). Social competence and behavior evaluation in children ages 3 to 6 years: the short form (SCBE-30). *Psychological Assessment*, 8, 369-377.

Lyra, Assis, Njaine, Oliveira e Pires (2009), A relação entre professores com sofrimento psíquico e crianças escolares com problemas de comportamento. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2):435-444, 2009.

Margolin, G., Gordis, E., & John, R. (2001). Coparenting: a link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 3-21

Martin, V. B., & Angelo, M. A. (1999). Organização familiar para o cuidado dos filhos: percepção das mães de uma comunidade de baixa renda. *Revista Latino americana de Enfermagem*, 7(4), 89-95.

Martins, M. F. D., Costa, J. S. D., Saforcada, E. T., & Cunha, M. D. C. (2004). Qualidade do ambiente e fatores associados: um estudo em crianças de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(3), 710-718.

Melo e Silveiras (2003). Grupo cognitivo-comportamental com famílias de crianças sem habilidades sociais e com déficits acadêmicos. *Temas em Psicologia da SBP*, Ribeirão Preto, v. 11, n. 2.

Mello, S. L. (1995). Família: perspectiva teórica e observação factual. Em M. do C. B. Carvalho (Ed.). *A família contemporânea em debate* (pp. 51-60). São Paulo, SP: EDUC.

Mondin, E. M. C. (2005). Interações afetivas na família e na pré-escola. *Estudos de Psicologia*, 10(1), 131-138,

Moraes, E. O., & Enumo, S. R. F. (2008). Avaliação do enfrentamento da hospitalização em crianças avaliadas por instrumento informatizado. *Psico-USF*, 13(2), 221-231.

Moura, C. B., Marinho-Casanova, M. L., Meurer, P. H., & Campana, C. (2008). Caracterização da clientela pré-escolar de uma clínica-escola brasileira a partir do Child Behavior Checklist (CBCL). *Contextos Clínicos*, 1(1), 1-8.

Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia e Sociedade*, 18(1), 49-55.

Neder, G. (2002). Ajustando o foco das lentes; um novo olhar sobre as organizações das famílias no Brasil. Em S. M. Kaloustian (Org.). *Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez : Brasília Distrito Federal: UNICEF

Oliveira, A. L. (2005). Irmãos, meio-irmãos e co-irmãos: dinâmica das relações fraternas no recasamento. Tese de doutorado em Psicologia Clínica, PUC-SP, São Paulo, Brasil.

Oliveira, A. L., Souza, M. T., & Guerriero, I. C. Z. (1999). Famílias recasadas: uma análise da literatura psicológica. *Psicologia Revista*. (8), 77-96.

Oliveira E. A., Frizzo, G. B., & Marin, A. H. (2000). Atitudes maternas diferenciais para com meninos e meninas de quatro e cinco anos. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 13(3), 363-371.

Osório, L. C. (1996). *Família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Pacheco, J. T. B., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (1999). Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(2), 117-126.

Pacheco, L. e Sisto, F.F.(2005) Ajustamento social e dificuldade de aprendizagem. *Psic v.6 n.1 São Paulo*

Paludo, S. S., & Koller, S. H. (2008). Toda criança tem família: criança em situação de rua também. *Psicologia & Sociedade*, 20(1), 42-52.

Pesce, R. (2009). Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 507-518.

Poletto, R. C. e Koller, S. H. (2002) Rede de apoio social e afetivo de crianças em situação de pobreza. *Psico*, Porto Alegre, 33(1), p.p.151-175.

Poletto, R. C. , , Wagner T.M e Koller, S. H. (2004). Resiliência e Desenvolvimento Infantil de Crianças que Cuidam de Crianças: Uma Visão em Perspectiva. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 20 n. 3, p.p. 241-250.

Prado, A. B. (2005). *Semelhanças e diferenças entre homens e mulheres na compreensão do comportamento paterno*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis

Ribas Jr., R. C., Seidl de Moura, M. L., Gomes, A. A. N., Soares, I. D., & Bornstein, M. H. (2003). Socioeconomic status in Brazilian psychological research. Part 1: Validity, measurement, and application. *Estudos de Psicologia*, 8, 375-383.

Rocha & Brandão, (2001). A importância do auto-conhecimento dos pais na análise e modificação de suas interações com os filhos. Em: M. Deletti (Org.). *Sobre comportamento e cognição*, (2º volume, p.p. 133-141). Santo André: ESETEc Editores Associados.

Rohenkohl, L. A. (2007). As novas configurações encontradas na Educação Infantil das escolas da rede municipal da cidade de Erechim. Levantamento não publicado

Romanelli, G. (2002). Autoridade e poder na família. Em M. C. B. Carvalho (Org.). *A família contemporânea em debate* (pp.73-88 ). São Paulo: Cortez.

Sager, C. J., Walker, L., Brown, H. S., Rodstern, E., & Crohn, H. (1983). *Treating the remarried family*. New York: Brunner & Mazel.

Salles, V. (2002). Quando falamos de família, de que família estamos falando?. *Caderno CRH, Salvador, Fator*, (17), 106-140. Cadernos CRH, Salvador, Fator

Santos, F. M. S. dos. (2002). A relação mãe-bebê e o processo de entrada na creche: esboços de uma perspectiva sociocultural. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 22(2), 88-97.

Sarti, C. A. (1995). O valor da família para os pobres. Em I. Ribeiro & A. C. Ribeiro (Orgs.). *Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira* (pp.131-150). São Paulo: Edições Loyolas.

Sarti, C. A. (1996). *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, SP: Autores Associados.

Serpa, F. A. G., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2006). Meninos pré-escolares empáticos e não empáticos: empatia e procedimentos educativos dos pais. *Revista Interamericana de Psicologia*, 40(1), 77-88.

Silva, L. W., & Tokumaru, R. (2008). Cuidados parentais e alopaisais recebidos por crianças de escolas públicas e particulares de Vitória - ES. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 133-141.

Silva, S. S. C., Pendu, Y., & Pontes, F. A. R. (2002). Sensibilidade materna durante o banho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 18(3), 345-352.

Silveira, S. C. da, Falcke, D., & Wagner, A. (2000). A representação gráfica de meninos institucionalizados. *Anais do 2º Congresso da Sociedade Brasileira de Rorschach e outros métodos projetivos*. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Silveira, P.G. & Wagner,A.. (2006) Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia* Campinas 23(4) ,p.441-453.

Silver, R. B., Measelle, J. R., Armstrong, J. M., & Essex, M. J. (2004). Trajectories of classroom externalizing behavior: contributions of child characteristics, family characteristics, and the teacher-child relationship during the school transition. *Journal of Scholl Psychology, 43*, 39-60.

Smith, D. (1995). *Madrastas: mito e realidade. Como desempenhar este difícil papel*. Porto Alegre: L&PM.

Souza, R. M., & Ramires, V. R. R. (2006). *Amor, casamento, família, divórcio e depois, segundo as crianças*. São Paulo: Summus Editorial.

Szelbracikowski & Dessen (2007). Comportamento exteriorizado e relações familiares. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 12, n. 1, p. 33-40, jan./abr.

Szymanski, H. R. (1988). Um estudo sobre o significado de família. Tese de doutorado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação, PUC-SP, São Paulo, Brasil.

Szymanski, H.R.(2002). Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança. Em *Serviço Social e Sociedade*. n. 71, ano XXIII, São Paulo: Cortez, set/.

Teodoro, M. L. M., & Käppler, K. C. (2003). *Familiograma: Desenvolvimento de um novo instrumento para a avaliação das relações familiares* (Psicopatologia do Desenvolvimento – Relatórios Técnicos, pp. 2–21). Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento e Laboratório de Psicologia da Família.

Teodoro, M. L. M. (2006). Afetividade e conflito em díades familiares: avaliação com o Familiograma. *Revista Interamericana de Psicologia, 40*(3), 385-390.

Teodoro, M. L. M., Cardoso, B. M., & Freitas, A. C. H. (2009). Afetividade e conflito familiar e sua relação com a depressão em crianças e adolescentes (prelo).

Travis, S. (2003). *Construções familiares: um estudo sobre a clínica do recasamento*. Tese de doutorado em Psicologia, PUC-RJ, Rio de Janeiro, Brasil.

Tuirán, R. (2002). Estructura familiar y trayectorias de vida en México. Em C. Gomes, (Comp.). *Procesos sociales, población y familia: alternativas teóricas y empíricas en las investigaciones sobre la vida doméstica* (pp. 25-65). México: Miguel Angelo Porrúa.

Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.

Venosa, S. S. (2003). *Direito civil: direito de família*. São Paulo: Atlas.

Villwock, C., Coelho, C., Predebon, J., Mansur, M. C., Hoppe, M., Fronckowiak, C. e Devit, V. (2007). Perfil sociodemográfico e principais queixas dos pacientes encaminhados à Clínica Escola do serviço de atendimento psicológico da – CESAP/ULBRA/GUAÍBA. [guaiba.ulbra.tche.br/pesquisas/2007/artigos/psicologia/250.pdf](http://guaiba.ulbra.tche.br/pesquisas/2007/artigos/psicologia/250.pdf).

Visher, E., & Visher, J. (1988). *Old loyalties, new ties*. New York, Brunner: Mazel.

Visher, E., Visher, J., & Pasley, K. (1997). Stepfamily therapy from the client's perspective. *Marriage And Family Review*, 12(1-2), 191-207.

Visher, E., Visher, J., Pasley, K., & Rhoden, L. (1996). Successful stepfamily therapy: clients' perspectives. *Journal of Marital and Family Therapy*, 22(3), 343-357.

Wagner, A. (2002a). Possibilidades e potencialidades da família: a construção de novos arranjos a partir do recasamento. Em A. Wagner (Org.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações* (pp. 23-38). Petrópolis: Vozes.

Wagner, A. (2003a, dezembro 22). A nova família. *Revista Época, São Paulo*, nº293, pp. 87-89.

Wagner, A. (2003b). A família e a tarefa de educar: algumas reflexões a respeito das famílias tradicionais frente às demandas modernas. Em F. Carneiro (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO; São Paulo: Loyola.

Wagner, A., & Levandowski, D. C. (2008). Sentir-se bem em família: um desafio frente à diversidade. *Revista Textos & Contextos Porto Alegre*, 7(1), 88-97.

Wagner, A., Pedrebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 21(2), 181-186.

Wagner, A., Sarriera, J. C., Falcke, D., & Silva, C. B. (1997). Adolescentes y familias: un estudio comparativo entre familias de origen y reconstituídas. *Cuadernos de Terapia Familiar*, 2(35/36), 119-127.

Wendland, J. (2002). Cuidando do bebê e sua família no período perinatal: abordagens de prevenção e de intervenção precoce na Unité Enfance Vivaldi. Em L. C. Filho, M. E. G. Corrêa & O. S. França. (Orgs.). *Novos olhares sobre a gestação e a criança até os 3 anos* (pp. 512-535). Brasília: LGE/ Apoio Funesaúde.

Woods, E. M. A. S. (1987). *Um estudo do recasamento no Brasil*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, PUC-RJ, Rio de Janeiro, Brasil.

Zamberlan, M. A. T. (2002). Interação mãe-criança: enfoques teóricos e implicações decorrentes de estudos empíricos. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 399-406.



## 6. Apêndices

*Apêndice A – Dados da Ficha de Matrícula*

## 1. Dados de Identificação:

Nome da criança:

Data de nascimento:

Endereço:

Fone:

Pai:

Profissão:

Endereço do trabalho:

Fone:

Mãe:

Profissão:

Endereço do trabalho:

Fone:

## 2. Saúde da Criança:

Qual tipo sanguíneo da criança?

Em caso de febre, a Escola pode administrar antitérmico? Qual? Dosagem?

Toma medicação de uso contínuo? Qual? Dosagem? Motivo?

É portadora de alguma doença? Qual? Necessita de cuidados especiais? Quais?

A criança é alérgica ( remédios, inseto, alimentos)? Ao quê?

Já esteve internada? Por quanto tempo e qual o motivo?

Doenças que já teve?

Na família existem problemas de alcoolismo ou uso de drogas?

Têm vômitos, diarréias, febres, inflamações, resfriados com frequência?

Convulsões? Causas e conseqüências?

Cai com facilidade?

Sofreu algum acidente, fraturas? Deixou seqüelas?

3. A criança está autorizada a sair com:

Nome:

Fone:

Nome:

Fone:

4. Pré:

Professora:

Ano:

5. Estrutura Familiar:

Os pais moram juntos?

Quem convive com a criança?

Tem irmãos? Quantos e idade dos mesmos.

Onde a criança fica quando não esta na escola?

Gestação e parto:

Fez uso de alguma medicação durante a gravidez?

Teve acompanhamento médico?

Parto: quem acompanhou? Como foi? Teve alguma complicação?

6. Hábitos da criança:

Amamentação? Alimentação? Chupa bico?

Sono, quantas horas dorme?

Tem algum objeto para dormir?

Como foi o engatinhar? Caminha?Falar?

Controle esfinteriano?

Brinquedos e brincadeiras preferidas?

Programas de televisão:

Prefere companhia de adultos ou crianças?

Músicas?

É organizada?

7. Características da criança:

Relacionamento com as outras crianças:

Reações afetivas:

Quando repreendido ou contrariado como reage?

Medidas que são usadas quando desobedece (limites).

Quando provocado pelos outros, como reage (defende-se, reage...)?

Chora com facilidade?

É agressivo? Tímida?

Mente?

8. Relação com a aprendizagem:

Apresenta problemas de coordenação motora?

Tem interesse por letras e números?

É distraída? Qual o tempo de concentração?

Tem boa memória?

Faz relatos do que faz?

É criativa? Observadora?

Tem boa dicção?

9. Outras informações (medos, traumas...):

Assinatura dos pais ou Responsáveis:

*Apêndice B – Familiograma*

Familiograma R - Método Teodoro (1982/1983)

### Familiograma-R (FG)

Nome: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_ Data: / /

Família: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Marque um \* no nome da pessoa com quem a pessoa mora

Nas próximas páginas, pediremos a você que descreva como é o relacionamento entre algumas pessoas da sua família. Para isto, gostaríamos que você pensasse em cada membro de sua família e sobre os sentimentos que existem, **geralmente**, no dia-a-dia de cada relação.

Em seguida, pediremos que você pense em apenas uma relação de cada vez. Para cada relação familiar, serão mostradas várias palavras que demonstram sentimentos e comportamentos. Você deverá marcar o quanto você acha que estas palavras refletem a relação. Os valores vão de 1 (a palavra não descreve a relação de jeito nenhum) até 5 (a palavra descreve a relação totalmente). Veja este exemplo sobre o relacionamento de João e Pedro:

João e Pedro têm um relacionamento:

	De jeito nenhum	Pouco	Mais ou menos	Muito	Completamente
Tranquilo	1	2	3	4	5 <b>X</b>

Neste exemplo, o relacionamento de João e Pedro foi descrito como sendo completamente tranquilo (5).

Lembre-se de que **não existem respostas certas ou erradas**. Nós só queremos conhecer um pouco mais sobre a sua família.

Família *grupos B - Mayrêde Teodoro (UNISINOS)*

### Relação entre pai e mãe

Meu pai e minha mãe têm um relacionamento:

		De jeito nenhum	Pouco	Mais ou menos	Muito	Completamente
1	Carinhoso	1	2	3	4	5
2	Alegre	1	2	3	4	5
3	Confuso	1	2	3	4	5
4	Nervoso	1	2	3	4	5
5	Estressante	1	2	3	4	5
6	Agradável	1	2	3	4	5
7	Verdadeiro	1	2	3	4	5
8	Afetivo	1	2	3	4	5
9	Protetor	1	2	3	4	5
10	Baixo-astral	1	2	3	4	5
11	Amoroso	1	2	3	4	5
12	Ruim	1	2	3	4	5
13	Sufocante	1	2	3	4	5
14	Acolhedor	1	2	3	4	5
15	Tenso	1	2	3	4	5
16	Harmônico	1	2	3	4	5
17	Atencioso	1	2	3	4	5
18	Precioso	1	2	3	4	5
19	Frio	1	2	3	4	5
20	Difícil	1	2	3	4	5
21	Agressivo	1	2	3	4	5
22	Chato	1	2	3	4	5

Formulário K - Método Tenório (UNISUL)

Relação entre \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_ têm um relacionamento:

		De jeito nenhum	Pouco	Mais ou menos	Muito	Comple- tamente
1	Carinhoso	1	2	3	4	5
2	Alegre	1	2	3	4	5
3	Confuso	1	2	3	4	5
4	Nervoso	1	2	3	4	5
5	Estressante	1	2	3	4	5
6	Agradável	1	2	3	4	5
7	Verdadeiro	1	2	3	4	5
8	Afetivo	1	2	3	4	5
9	Profetor	1	2	3	4	5
10	Baixos-estral	1	2	3	4	5
11	Amoroso	1	2	3	4	5
12	Ruim	1	2	3	4	5
13	Sufocante	1	2	3	4	5
14	Acolhido	1	2	3	4	5
15	Tenso	1	2	3	4	5
16	Harmônico	1	2	3	4	5
17	Atencioso	1	2	3	4	5
18	Precioso	1	2	3	4	5
19	Frio	1	2	3	4	5
20	Difícil	1	2	3	4	5
21	Agressivo	1	2	3	4	5
22	Chato	1	2	3	4	5

Apêndice C – CBCL

**CHILD BEHAVIOR CHECKLIST FOR AGES 1 1/2 - 5**

Tradução: Prof. Márcia Rose Santa Maria e Prof. Dr. Maria Beatriz Martins Linhares (FMRP-USP-RP)  
 Autorização da distribuidora: do Brasil: a ANIBRA Prof. Dr. Adwiges Ferreira de Mattos Silveira (UNESP)

Por favor, responda. Assegure-se de ter respondido todos os itens.

Nome completo da criança:						<b>Código</b>	
Nome da mãe:						Tipo de trabalho dos pais, mesmo que não estejam trabalhando no momento. Por favor, seja específico, por exemplo, mecânico de carro, professor, de fax, operário, operador de furto mecânico, vendedor de sapato, segurança do comércio.	
Sexo da criança ( ) M ( ) F		Idade da criança		Etnia / Raça		Pai Tipo de profissão:	
Data da avaliação: Dia Mês Ano			Data de Nascimento: Dia Mês Ano			Mãe Tipo de profissão:	
Por favor, preencha este formulário para refletir sua visão do comportamento da criança mesmo se outras pessoas não concordarem. Sinta-se livre para escrever comentários adicionais ao lado de cada item e no espaço dado na página 2. Tenha certeza de responder todos os itens.						Este formulário foi preenchido por: (escreva seu nome completo)	
						Seu relacionamento com a criança: ( ) Mãe ( ) Pai ( ) Outro (especifique):	

Abaixo tem uma lista de itens que descrevem crianças. Para cada item que descreve a criança agora ou nos 2 últimos meses, por favor, circule o item 2 se o item é **muito verdadeiro** ou **frequentemente verdadeiro** para a criança. Circule o item 1 se o item é **levemente verdadeiro** ou **às vezes verdadeiro** para a criança. Se o item **não é verdadeiro** para a criança, circule o 0. Por favor, responda todos os itens como você puder, mesmo se algum item não se aplicar à criança.

0 = não verdadeiro (segundo você sabe) 1 = levemente verdadeiro ou às vezes verdadeiro 2 = muito verdadeiro ou frequentemente verdadeiro

0	1	2	1.	Sente dor (sem causa médica, não inclui dor de estômago ou dor de cabeça).	0	1	2	19.	Tem dia em que interfere sério (quando não está doente).
0	1	2	2.	Age de forma "chato" para o adulto.	0	1	2	20.	É desobediente.
0	1	2	3.	Tem medo de coisas novas.	0	1	2	21.	Tem problemas por alguns minutos ou horas.
0	1	2	4.	Evita olhar as pessoas nos olhos.	0	1	2	22.	Não quer deixar o chulo.
0	1	2	5.	Não se concentra, não mantém atenção por muito tempo.	0	1	2	23.	Não responde quando pessoas falam com ela.
0	1	2	6.	Não fica sentado calmamente, é impaciente ou hiperativo.	0	1	2	24.	Não come bem (descreva):
0	1	2	7.	Não coloca as coisas fora do lugar.	0	1	2	25.	Não se entende com outras crianças.
0	1	2	8.	Não espera que tudo imediatamente.	0	1	2	26.	Não sabe como se divertir, age como uma pessoa adulta.
0	1	2	9.	Mastiga coisas que não são comestíveis.	0	1	2	27.	Não parece sentir-se culpado depois de portar-se mal.
0	1	2	10.	É "pegados" e "solto" ou excessivamente dependente.	0	1	2	28.	Não quer sair de casa.
0	1	2	11.	Constantemente procura ajuda.	0	1	2	29.	Frustrado facilmente.
0	1	2	12.	Tem o intestino preso (quando não está doente).	0	1	2	30.	Sente ciúmes facilmente.
0	1	2	13.	Chora muito.	0	1	2	31.	Come ou bebe coisas que não são alimentos (não inclui doces) (descreva):
0	1	2	14.	É cruel com animais.	0	1	2	32.	Tem medo de certos animais, aranhas ou lugares (descreva):
0	1	2	15.	Desafiadora.	0	1	2	33.	Maga-se facilmente.
0	1	2	16.	Os pais não devem ser atendidos imediatamente.	0	1	2	34.	Machuca os outros, propensa a acidentes.
0	1	2	17.	Destroi coisas pertencentes a sua família ou outras crianças.	0	1	2	35.	Falta em muitas coisas.
0	1	2	18.	Destroi coisas pertencentes a sua família ou outras crianças.	0	1	2	36.	Mofa-se muito.

Continue se respondendo todos os itens antes de virar a página.



Por favor, coloque suas respostas. Assegure-se de ter respondido todos os itens.

0 = não verdadeiro (segundo você conhece) 1 = levemente verdadeiro ou às vezes verdadeiro 2 = muito verdadeiro ou frequentemente verdadeiro									
0	1	2	57.	Fica muito perturbado quando separado das pais.	0	1	2	71.	Mostra pouco interesse em coisas ao seu redor.
0	1	2	38.	Tem dificuldade para dormir.	0	1	2	72.	Mostra muito pouco medo de machucar-se.
0	1	2	39.	Tem dores de cabeça (sem causa médica) hábe nas últimas.	0	1	2	73.	Muito tímido em companhia.
0	1	2	40.		0	1	2	74.	Demonstra muitos sinais de que a maioria das crianças durante o dia e à noite (descreva):
0	1	2	41.	Perde o fígado.	0	1	2	75.	Situa-se em frente com os olhos.
0	1	2	42.	Machuca intencionalmente as pessoas sem querer.	0	1	2	76.	Problemas no lab (descreva):
0	1	2	43.	Tem algum infante sem motivo.	0	1	2	77.	Fica alerta ou parece preocupado.
0	1	2	44.	É muito humorado.	0	1	2	78.	Dores de estômago ou cólicas (sem causa médica).
0	1	2	45.	Tem enjoos (sem causa médica).	0	1	2	79.	Muda rapidamente entre tristeza e alegria.
0	1	2	46.	Tem tiques nervosos (descreva):	0	1	2	80.	Comportamento estranho (descreva):
0	1	2	47.	Fica vaso.	0	1	2	81.	Tem medo, emburrado ou irritável.
0	1	2	48.	Tem pesadelos.	0	1	2	82.	Mudanças repetidas no humor ou sentimentos.
0	1	2	49.	Come demais.	0	1	2	83.	Tem muito mau-humor.
0	1	2	50.	Cansa demais.	0	1	2	84.	Fala ou chora durante o sono.
0	1	2	51.	Mostra pânico (muito medo) sem motivo.	0	1	2	85.	Temparamento de humor ao despertar.
0	1	2	52.	Quando faz um trabalho que dói (sem causa médica).	0	1	2	86.	Muito preocupado com organização ou limpeza.
0	1	2	53.	Agita facilmente as pessoas.	0	1	2	87.	Muito medrosa ou ansiosa.
0	1	2	54.	Molha o nariz, a pele ou outras partes do corpo (descreva):	0	1	2	88.	Não é cooperativo.
0	1	2	55.	Bebe bastante sem ser de glá sexual (juvénil).	0	1	2	89.	Necessita muito de sua energia.
0	1	2	56.	Confusão mental sobre o mundo (descreva).	0	1	2	90.	Infeliz, triste ou depressivo.
0	1	2	57.	Politicamente com os olhos (sem causa médica) (descreva):	0	1	2	91.	Raramente goza.
0	1	2	58.	Seu comportamento não muda com punição.	0	1	2	92.	Fica nervoso com pessoas ou situações novas (descreva):
0	1	2	59.	Muda de sua atividade por ser interrompido.	0	1	2	93.	Vômito (sem causa médica).
0	1	2	60.	Tem lesões na pele ou outros problemas de pele (sem causa médica).	0	1	2	94.	Acorda frequentemente à noite.
0	1	2	61.	Recusa comer.	0	1	2	95.	Fuga.
0	1	2	62.	Recusa brincar com jogos ou brinquedos.	0	1	2	96.	Quer muito atenção.
0	1	2	63.	Repetidamente balança e chuta no ar ou no chão.	0	1	2	97.	Churrumga.
0	1	2	64.	Resiste à pressão para ir à escola.	0	1	2	98.	Resista ao envolvimento com outros.
0	1	2	65.	Resiste ao encorajamento para o uso do banheiro (descreva).	0	1	2	99.	Preocupado.
0	1	2	66.	Grita muito.	0	1	2	100.	Por favor, escreva outros problemas que a criança tem e que não foram listados acima.
0	1	2	67.	Parece não responder a alertas (visuais).	0	1	2		
0	1	2	68.	Fica facilmente assustado.	0	1	2		
0	1	2	69.	Esconde ou não diz a verdade.	0	1	2		
0	1	2	70.	Mostra pouco afeto (carinho) pelas pessoas.					Por favor, marque as suas respostas sobre os itens. Marque qualquer item que a preocupa.

A criança tem alguns problemas ou dificuldades (físicas ou mentais)? ( ) Não ( ) Sim - Por favor descreva:

O que mais preocupa você em relação à criança?

Por favor, descreva as melhores coisas sobre a criança:

## Apêndice D – TRF

## CAREGIVER-TEACHER REPORT FORM FOR AGES 1 ½ - 5

Tradução: Profª Cynthia Borges de Moura (UEL)

Autorização da distribuidora da ASEBA no Brasil: Prof. Dr. Edwages Fonseca de Mattos Soares (UF-SP)

Por favor, responda. Assegure-se de ter respondido todos os itens.

Nome completo da criança: _____			Código		
Nome da mãe: _____			Tipo de trabalho dos pais, mesmo que não estejam trabalhando no momento. Por favor, seja específico, por exemplo, mecânico de carro, professora, do lar, operário, vendedor de sapato, sargento do exército.		
Sexo da criança ( ) M ( ) F	Idade da criança	Etnia / Raça	Pai		
Data da avaliação: Dia _____ Mês _____ Ano _____		Data de Nascimento: Dia _____ Mês _____ Ano _____		Tipo de profissão	
Mãe			Tipo de profissão: _____		
Por favor, preencha este formulário para refletir sua visão do comportamento da criança mesmo que outras pessoas não concordem. Sinta-se livre para escrever comentários adicionais ao lado de cada item e no espaço da página 2. Assegure-se de responder todos os itens.			Este formulário foi preenchido por: (nome completo)		
Nome e endereço da escola ou instituição de cuidados: _____			Sua função na escola ou instituição de cuidados: ( ) professor ( ) cuidador/educador		
			Seu treinamento para essa ocupação: _____		
			Sua experiência em cuidados infantis ou educação: _____ anos.		

- I. Que tipo de instituição é esta? (Por favor, seja específico. Por exemplo: creche, berçário, pré-escola, educação especial para Infância da Infância, jardim de infância, etc.) \_\_\_\_\_
- II. Qual é o número médio de crianças no grupo ou sala? \_\_\_\_\_ crianças no grupo ou sala
- III. Quantas horas por semana a criança passa na instituição? \_\_\_\_\_ horas por semana.
- IV. Há quantos meses você conhece essa criança? \_\_\_\_\_ meses.
- V. Como você a conhece? 1 ( ) Não muito bem 2 ( ) Moderadamente bem 3 ( ) Muito bem
- VI. Ela já foi encaminhada para um programa de educação especial ou serviços especiais?  
( ) Não sei ( ) Não 1 ( ) Sim - Que tipo e quando? \_\_\_\_\_

Abaixo há uma lista de itens que descreve crianças. Para cada item que descreve a criança agora ou nos 2 últimos meses, por favor, circule o item 2 se o item é muito verdadeiro ou frequentemente verdadeiro para a criança. Circule o item 1 se o item é levemente verdadeiro ou às vezes verdadeiro para a criança. Se o item não é verdadeiro para a criança, circule o 0. Por favor, responda todos os itens como você puder, mesmo se algum item não se aplicar à criança.

0 = não verdadeiro (segundo você sabe)				1 = levemente verdadeiro ou às vezes verdadeiro				2 = muito verdadeiro ou frequentemente verdadeiro				
0	1	2	3	0	1	2	3	0	1	2	3	Descrição
0	1	2	1	0	1	2	15	0	1	2	16	Desejadora.
0	1	2	2	0	1	2	17	0	1	2	17	Os pedidos devem ser atendidos imediatamente.
0	1	2	3	0	1	2	18	0	1	2	18	Destrói suas próprias coisas.
0	1	2	4	0	1	2	19	0	1	2	19	Destrói coisas pertencentes a sua família ou outras crianças.
0	1	2	5	0	1	2	20	0	1	2	20	Sonha acordada ou se perde em seus pensamentos.
0	1	2	6	0	1	2	21	0	1	2	21	É desobediente.
0	1	2	7	0	1	2	22	0	1	2	22	Fica perturbado por alguma mudança na rotina.
0	1	2	8	0	1	2	23	0	1	2	23	É cruel, malvado ou cruaz dos outros.
0	1	2	9	0	1	2	24	0	1	2	24	Não responde quando pessoas falam com ela.
0	1	2	10	0	1	2	25	0	1	2	25	Tem dificuldade em seguir instruções.
0	1	2	11	0	1	2	26	0	1	2	26	Não se entende com outras crianças.
0	1	2	12	0	1	2	27	0	1	2	27	Não sabe como se divertir; age como uma pequena adulta.
0	1	2	13	0	1	2	28	0	1	2	28	Não parece sentir-se culpada depois de portar-se mal.
0	1	2	14									Perturba outras crianças.

Confirme se respondeu todos os itens antes de virar a página.

Por favor, coloque suas respostas. Assurez-se de ter respondido todos os itens.

0 = não verdadeiro (segundo você conhece) 1 = levemente verdadeiro ou às vezes verdadeiro 2 = muito verdadeiro ou frequentemente verdadeiro

0	1	2	28.	Enxota-se facilmente.	0	1	2	67.	Parece não responder a falas (mudo).
0	1	2	29.	Sente dores facilmente.	0	1	2	68.	Fica facilmente se envergonha.
0	1	2	31.	Come ou bebe coisas que não são alimentos - não inclui doces (descreva): _____	0	1	2	69.	Esquiva ou não divide.
0	1	2	32.	Tem medo de certos animais, situações ou lugares sempre que não a acuda. (descreva): _____	0	1	2	70.	Muito gozoso/afeto (carinho) pelas pessoas.
0	1	2	33.	Migra-se facilmente.	0	1	2	71.	Mostra pouco interesse em coisas no seu livre
0	1	2	34.	Molha-se muito, propensa a acidentes.	0	1	2	72.	Macha muito o colo, modo de machucar-se.
0	1	2	35.	Faz-se em muitas brigas.	0	1	2	73.	Muito tímido ou envergonha.
0	1	2	35.	Mole-se em tudo.	0	1	2	74.	Não é querido por outras crianças.
0	1	2	37.	Fica muito perturbada quando separada dos pais.	0	1	2	75.	Muito ativa.
0	1	2	38.	Faz comportamentos explosivos ou não práticos.	0	1	2	76.	Problema na fala (descreva): _____
0	1	2	39.	Tem dores de cabeça (sem causa médica).	0	1	2	77.	Fica ávida em certos momentos.
0	1	2	40.	Dorme aos outros.	0	1	2	78.	Dores de estômago ou vômito (sem causa médica).
0	1	2	41.	Perde o fôlego.	0	1	2	79.	Muito conformada a regras.
0	1	2	42.	Machuca animais ou pessoas sem querer.	0	1	2	80.	Comportamento estranho (descreva): _____
0	1	2	43.	Tem olhos inchados sem motivo.	0	1	2	81.	Tegosa, entediada ou irritável.
0	1	2	44.	É mal-humorada.	0	1	2	82.	Mudanças repetidas no humor ou sentimentos.
0	1	2	45.	Tem enjôo (sem causa médica).	0	1	2	83.	Tem muito mau-humor.
0	1	2	46.	Tem tique nervoso (descreva): _____	0	1	2	84.	É muito provocadora.
0	1	2	47.	É nervosa ou tensa.	0	1	2	85.	Temperamento de birra ou birra.
0	1	2	48.	Não consegue ler/leitura ou escrita.	0	1	2	86.	Muito preocupada com organização ou limpeza.
0	1	2	49.	Tem medo de escuro.	0	1	2	87.	Muito medrosa ou tímida.
0	1	2	50.	Canta demais.	0	1	2	88.	Não é cooperativa.
0	1	2	51.	Faz ruídos.	0	1	2	89.	Não vive, ama ou quer atenção.
0	1	2	52.	É propensa a perdas de coisas.	0	1	2	90.	Inteligente, triste ou depressiva.
0	1	2	53.	Agido frequentemente as pessoas.	0	1	2	91.	Raramente grita.
0	1	2	54.	Machuca o nariz, o pé ou outras partes do corpo (descreva): _____	0	1	2	92.	Fica nervosa com pessoas ou situações novas (descreva): _____
0	1	2	55.	Ritua bastante com seu objeto sexual (pêlo/váguas).	0	1	2	93.	Vermelha (sem causa médica).
0	1	2	56.	Condições emite o palmo ou desajeitada.	0	1	2	94.	Aparência pessoal ruim.
0	1	2	57.	Problemas com os olhos (sem causa médica) (descreva): _____	0	1	2	95.	Fogo.
0	1	2	58.	Seu comportamento não anda com pulcra.	0	1	2	96.	Quer muito atenção.
0	1	2	59.	Muda de uma atividade para outra rapidamente.	0	1	2	97.	Choraminga.
0	1	2	60.	Tem feridas na pele ou outros problemas de pele (sem causa médica).	0	1	2	98.	Recebe, não se envolve com outros.
0	1	2	61.	Bomaa comer.	0	1	2	99.	Preocupada.
0	1	2	62.	Recebe brincar com jogos no vizinho dele.	0	1	2	100.	Por favor, escreva outras problemas que a criança tem e que não foram listados acima.
0	1	2	63.	Repetidamente balança a cabeça em o corpo.	0	1	2		
0	1	2	64.	Distorce o rosto-se facilmente.	0	1	2		
0	1	2	65.	Mole-se em coisas.	0	1	2		
0	1	2	66.	Grata muito.	0	1	2		

Por favor, escreva se você respondeu todos os itens.  
Marque qualquer item que o preocupa

A criança tem alguma doença ou dificuldade (física ou mental)? ( ) Não ( ) Sim - Por favor descreva:

Que mais preocupa você com relação à criança?

Por favor, descreva as melhores coisas sobre a criança:

*Apêndice E – Aprovação do Comitê de Ética*



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
 Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação (UAP/PPG)  
 Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Maio de maio/2008

**UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**  
**RESOLUÇÃO 018/2008**

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS analisou o projeto:

**Projeto:** Nº CEP 08/026    **Versão do Projeto:** 06/05/2008    **Versão do TCLE:** 06/05/2008

**Coordenadora:**

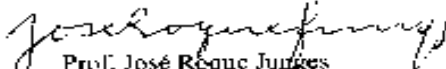
Mestranda Lía Mara Inês Albertoni Rohenkohl (PPG em Psicologia)

**Título:** Conflito familiar e afetividade em família nuclear e recasada e sua relação com os problemas de comportamento em crianças da educação infantil.

**Parecer:** O projeto foi **APROVADO**, por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisadora deverá encaminhar relatório anual sobre o andamento do projeto, conforme o previsto na Resolução CNS 196/96, item VII.13, letra d. Somente poderão ser utilizados os Termos de Consentimento onde conste a aprovação do CEP/UNISINOS.

São Leopoldo, 19 de maio de 2008.

  
 Prof. José Roque Junges  
 Coordenador do CEP/UNISINOS

*Apêndice F – Termo de Consentimento Livre Esclarecido das Mães*



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação  
Comitê de Ética em Pesquisa

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA AS MÃES**

A organização familiar tem se modificado, adequando-se às mudanças ocorridas em nossa sociedade. Esta pesquisa tem por objetivo investigar o funcionamento de famílias nucleares e recasadas e sua relação com o desenvolvimento da criança na educação infantil. Para isso, convidamos você a participar dessa pesquisa, que é coordenada pela Psicóloga e Professora Lia Mara Inês Albertoni Rohenkohl (CRP 07-03855) e será desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos com orientação da Profa. Dra. Elisa Kern de Castro.

A participação no estudo é totalmente voluntária e não acarretará em mudanças na atenção que seu filho recebe na escola. Você terá que responder a um questionário sobre o funcionamento de sua família e sobre o comportamento do seu filho(a). Os dados serão mantidos em sigilo e seu nome e o de seu filho permanecerão em anonimato. Esse trabalho poderá dar subsídios no futuro para uma melhor atenção ao seu filho na escola.

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa “Conflito familiar e afetividade em famílias nucleares e recasadas e sua relação com os problemas de comportamento crianças na educação infantil”, a qual consiste em responder os testes CBCL – I 1:2 – 5 anos – e o Familiograma. Declaro ter recebido uma explicação completa e clara sobre a pesquisa acima citada. Sei que poderei solicitar novos esclarecimentos caso haja necessidade pelo telefone (54) 99452714 ou (51) 93286381. Estou ciente de que poderei interromper a minha participação na pesquisa assim que desejar, assim como não sou obrigado a responder todas as questões.

A minha assinatura neste documento autoriza ao pesquisador utilizar os dados obtidos somente para os objetivos da pesquisa. Este documento está sendo apresentado em duas vias, sendo uma delas para o entrevistado e a outra para a pesquisadora.

Erchim, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 200\_\_.

Assinatura do entrevistado

Assinatura da Pesquisadora

Av. Unisinos, 950 - Caixa Postal 275 - CEP 93022-000 - São Leopoldo - Rio Grande do Sul - Brasil  
Fone: (51) 3591-1198 ou ramal 2138 - Fax: (51) 3590-8118 - <http://www.unisinos.br>

CEP - UNISINOS  
PESQUISA APROVADA  
Em: 19.05.08  
.....

*Apêndice G – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido das Professoras*



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
 Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação  
 Comitê de Ética em Pesquisa

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA AS PROFESSORAS**

A organização familiar tem se modificado, adequando-se às mudanças ocorridas em nossa sociedade. Esta pesquisa tem por objetivo investigar o funcionamento de famílias nucleares e recasadas e sua relação com o desenvolvimento da criança na educação infantil. Para isso, convidamos você a participar dessa pesquisa, que é coordenada pela Psicóloga e Professora Lia Mara Inês Albertoni Rohenkohl ( CRP 07-03855) e será desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos com orientação da Profa. Dra. Elisa Kero de Castro.

A participação no estudo é totalmente voluntária. Você terá que responder a um questionário sobre o comportamento de seus alunos na escola. Os dados serão mantidos em sigilo e seu nome e o nome da criança permanecerão em anonimato. Esse trabalho poderá dar subsídios no futuro para uma melhor atenção a crianças com problemas na escola.

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa “Famílias nucleares e recasadas, competência social e problemas de comportamento em pré-escolares”, a qual consiste em responder os testes CBCL – 1 1:2 – 5 anos. Declaro ter recebido uma explicação completa e clara sobre a pesquisa acima citada. Sei que poderei solicitar novos esclarecimentos caso haja necessidade pelo telefone (54) 99452714 ou (51) 93286381.

Estou ciente de que poderei interromper a minha participação na pesquisa assim que desejar, assim como não sou obrigado a responder todas as questões. A minha assinatura neste documento autoriza ao pesquisador utilizar os dados obtidos somente para os objetivos da pesquisa. Este documento está sendo apresentado em duas vias, sendo uma delas para o entrevistado e a outra para a pesquisadora.

Trechoim \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 200\_\_.

Assinatura do entrevistado

Assinatura da Pesquisadora

CRP - UNISINOS  
 VERSÃO APROVADA

Av. Unisinos, 950 - Caixa Postal 275 - CEP 93022-000 - São Leopoldo - Rio Grande do Sul - Brasil  
 Fone: (51) 3591-1198 ou ramal 2198 - Fax: (51) 3590-8118 - <http://www.unisinos.br>

19.05.08